

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
Campus Baixada Santista

ALESSANDRO DEMEL LOTTI

**PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DA
NATAÇÃO:
Um diálogo com a saúde**

Santos
2013

ALESSANDRO DEMEL LOTTI

PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DA NATAÇÃO: Um diálogo com a saúde

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de São Paulo como parte dos requisitos curriculares para obtenção do título de bacharel em Educação Física – Modalidade Saúde.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Cruz de Oliveira

Santos

2013

ALESSANDRO DEMEL LOTTI

PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DA NATAÇÃO:

Um diálogo com a saúde

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso defendido por nome do autor e aprovado pela Banca Examinadora em 17/12/2013

Prof. Dr. Rogério Cruz de Oliveira
Orientador

Santos
2013

Banca examinadora

Rogério Cruz de Oliveira

Orientador



Emilson Colantonio



Conrado Augusto Gandara Federici

Dedicatória

Dedico este trabalho a minha Mãe, minha Tia e meu "Pai-drasto", que me mesmo sem entender quais minhas metas e objetivos, me forneceram total apoio e suporte e viveram intensamente meu processo de graduação. Se em alguns momentos precisei de garra para buscar meus sonhos, ou humildade para reconhecer minhas falhas, agradeço-lhes pelos bons exemplos que tive – e ainda tenho – em minha formação.

Peço permissão aos supracitados para destacar este espaço ao meu querido e finado avô. Não poderia prosseguir com este trabalho sem dizer que o maior professor que tive em minha vida, mal terminou o primário. Agradeço pelos 22 anos que Deus permitiu passar ao seu lado, mesmo a sua falta sendo a maior dor que vivenciei.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer primeiramente a meus familiares – incluindo os que já se foram – pela criação que tive e por todo o apoio que me deram em todas as fases de minha vida. Devo-lhes muito pelos valores que me passaram e espero reproduzir todos bons exemplos que tive.

Agradeço também por cada uma das novas amizades que conquistei ao longo desses últimos anos, em especial meus companheiros de república Ana Flávia, Chao, Daniel, Fernando, Max e Miguel por toda parceria e cumplicidade, e por terem ocupado, juntamente com meus primos, o papel de irmãos, que biologicamente não tive.

Agradeço à instituição Unifesp – Baixada Santista pela formação que tive. Mesmo com recorrentes insatisfações ao longo do processo, se me foi possível tecer críticas, estas surgiram proporcionalmente à formação crítica que vivenciei. Assim agradeço a todos os professores e funcionários do campus, desde os que participaram ativamente de minha formação, aos que não tive a oportunidade de cursar seus módulos, mas que sempre estiveram disponíveis para uma boa conversa pelos corredores da universidade. Essa formação polivalente possibilitada pelo projeto político pedagógico do campus permitiu-me aprender a respeitar as diferenças e a ter humildade para lidar com as diferentes perspectivas de atuação profissional.

Agradeço à professora Fátima por desde o primeiro dia na Unifesp ter me ensinado o real significado de ser um profissional da saúde, e ao professor Guerra por toda a paciência e respeito que dispendeu comigo nas disciplinas de práticas corporais. Aos professores Ana Clara, Fernanda, João, Heitor, Osmar e Tati, das Faculdades Claretianas, agradeço pelos valores que deles obtive na fase inicial de minha graduação, me ensinando a amar a profissão Educação Física.

Agradeço também a cada pessoa que passou por meu caminho nas extensões, no eixo de módulos Trabalho em Saúde e nos estágios. Arrependo-me de ter perdido a oportunidade de dizer pessoalmente o quanto sou grato pela confiança que a mim depositaram, e o quanto cada um foi importante para minha formação. Em especial D^a Sônia e D^a Rosentina, que mesmo pouco me conhecendo, confiaram a mim suas histórias de vida. Outro a quem agradeço é o Sr. Antônio pelas tardes alegres que passamos nas visitas em sua casa, e por permitir acompanhar cada um de seus êxitos ao longo de seu projeto terapêutico singular.

Por fim, agradeço ao professor Rogério, ao orientador Rogério e ao amigo Rogério pela parceria desenvolvida ao longo destes dois últimos anos. Agradeço por suas orientações e pelas longas e prazerosas conversas que tivemos sobre as inquietudes que tive e ainda tenho sobre a Educação Física. Agradeço inclusive pelos “puxões de orelha” quando estes se fizeram necessários e por ter me preparado para enfrentar o incerto e amedrontador mundo da pós-graduação.

“Ninguém é tão grande que não possa aprender, nem tão pequeno que não possa ensinar.”

Esopo

LOTTI, A.D. **Proposta pedagógica para o ensino da natação:** um diálogo com a saúde. 2013. 55f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Instituto de Saúde e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo, Santos, 2013.

Resumo

Introdução: A natação é uma modalidade que tem sua prática amplamente influenciada pelo modelo tecnicista, reduzindo suas aulas a sessões de repetição de gestos técnicos. Estudos apontam que esta perspectiva é causa de descontentamento para os praticantes, e que muitas vezes repercute no abandono da prática. Paralelamente, as políticas de promoção da saúde da atualidade têm sido enfáticas em conferir centralidade às práticas de atividade física/esportiva como estratégias de produção de saúde. Além disso, há o apontamento de que tais práticas devem ser acessíveis a todos, priorizando intervenções comprometidas com a dimensão sociocultural das pessoas. O campo da pedagogia do esporte tem priorizado discussões para além de um ensino esportivo centrado na técnica, valorização do conhecimento prévio e consideração dos aspectos socioculturais das pessoas envolvidas na prática. Assim, é de se notar a existência de proximidade entre o campo da pedagogia do esporte e da promoção da saúde. Essa relação tem impacto positivo para o ensino da natação. **Objetivo:** Sistematizar uma proposta de ensino da natação calcado nos princípios da pedagogia do esporte; compreender as possibilidades didático-pedagógicas do ensino da natação, e; analisar uma possível relação entre a sistematização do ensino da natação com os ideários da promoção da saúde. **Método:** Foi realizada uma pesquisa bibliográfica, sendo abrangidos periódicos nacionais do sistema Qualis Capes da Educação Física e com política editorial de livre acesso. Tal levantamento alicerçou a elaboração de uma proposta para o ensino da natação. **Resultados:** Verificamos a ausência de estudos que discutiam a temática da promoção da saúde no campo esportivo e vice-versa. Apesar disso, autonomia e humanização foram temas comuns em todos os artigos selecionados. Quanto ao ensino da natação, é necessário que o processo esteja centralizado nos alunos, gerando autonomia nos mesmos e permitindo vivências mais amplas. **Conclusão:** Acreditamos que a contribuição deste trabalho se dá pela possibilidade de compreender o ensino da natação por outras perspectivas, alternativas ao modelo profissional. Um ensino da natação realizado à luz dos pressupostos da pedagogia do esporte agrega conteúdos que vão além dos de caráter técnico, permitindo que os alunos experimentem as possibilidades de seu corpo no meio líquido antes de aprender o gestual formal da modalidade.

Palavras-chave: Natação. Pedagogia. Educação Física e Treinamento. Promoção da Saúde.

Abstract

Currently, the professional sport's model has influenced sports practices in all scenarios and its larger goals are the performance and technical perfection. Authors point out that this technicist emphasis is one of the reasons for the distancing of people in relation to bodily practices. This phenomenon occurs even in times that the benefits of corporal practices have been widely disseminated by experts as strategies for prevention and health promotion.

Swimming is a sport that has its practice widely influenced by technical model, reducing their classes to repeated gestures technical sessions. Studies show that this perspective is the cause of discontentment for practitioners, and it often affects the abandonment of the practice.

The sport pedagogy is a field of Physical Education whose focus is oriented to study in teaching - learning of bodily practices. It recommends, for example, that these practices should not be disconnected from its practitioners, and these should be the main subjects of the process. This concern is also seen in the health area, where more people have earned their participant role in health promotion.

Thus, this study has the following objectives: a proposal to systematize the swimming teaching trampled on the principles of sport pedagogy; understand the swimming teaching didactic and pedagogical possibilities, and; examine a possible relationship between the systematic swimming teaching with the ideals of health promotion. Therefore, we performed a literature research for relevant topics as sport, swimming, pedagogy, physical education and health. Thus, we intend to reach a proposed swimming teaching that allows a wider reading of sport in society as well as to narrow the dialogue with healthcare.

Keywords: Swimming. Pedagogy. Physical Education and Training. Health Promotion

Sumário

1 – INTRODUÇÃO	11
2 – MÉTODO	15
2.1 – Coleta de dados	15
2.2 – Sistematização da proposta	16
3 – RESULTADOS E DISCUSSÃO	17
3.1 – Revisão de literatura	17
3.1.1 – Práticas corporais e promoção da saúde	18
3.1.2 – Educação Física e Pedagogia	21
3.1.3 – Pedagogia do esporte e outras práticas corporais: reflexões e intervenções	23
3.2 – Sistematização da Proposta	29
4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
5 - REFERÊNCIAS	48
ANEXOS	54

1 – INTRODUÇÃO

Nosso trabalho se desenvolveu em torno da temática pedagogia do esporte. Pretendemos com ele tentar responder a seguinte pergunta: Como se daria uma proposta pedagógica para o ensino da natação comprometido com a protagonização do indivíduo no processo de ensino-aprendizagem?

Tomamos contato com essa temática ao realizar estágio em uma academia de natação e perceber que nem todos os participantes pareciam satisfeitos com certas aulas e professores. Pudemos constatar que o envolvimento dos alunos com a aula era diretamente proporcional à desenvoltura didática do professor. Daí surgiu o interesse em estudar métodos para o ensino da natação.

Esperamos com este trabalho contribuir para uma reflexão sobre a hegemonia do modelo de esporte profissional que tradicionalmente vem sendo adotado para o ensino das modalidades esportivas. Desejamos ainda contribuir para desmistificar a prática esportiva como tempo e espaço destinado apenas à competição, à perfeição técnica e ao rendimento obrigatório, solidificando assim uma compreensão de prática esportiva mais ampla.

Assim consideramos que este trabalho possa contribuir para a formação de profissionais de educação física melhores preparados para atuar de forma humanizada¹ independente de seu cenário de intervenção. Acreditamos que sob essa perspectiva os profissionais estarão mais próximos de respeitar e suprir as demandas e necessidades do público.

Dessa forma, acreditamos que a realização do estudo contribua com um movimento de repensar o esporte na atual sociedade, estreitando seus laços, principalmente, com a área da saúde. Sem esquecer a pretensão de contribuir com o debate do esporte num país que será sede de dois megaeventos esportivos: copa do mundo de 2014 e jogos olímpicos de 2016, haja vista que eventos como estes são potenciais divulgadores da prática de atividade física.

Nesse interim, percebe-se uma grande movimentação da sociedade quanto à procura da práticas corporais². Os motivos são os mais variados possíveis, dentre eles destacam-se os potenciais benefícios que essas práticas proporcionam à saúde.

¹ Para este trabalho, Humanização será entendida pela perspectiva do Ministério da Saúde do Brasil, como sendo “a valorização dos diferentes sujeitos implicados no processo de produção de saúde: usuários, trabalhadores e gestores. Os valores que norteiam essa política são a autonomia e o protagonismo dos sujeitos, a co-responsabilidade entre eles, o estabelecimento de vínculos solidários, a construção de redes de cooperação e a participação coletiva no processo de gestão” (BRASIL, 2008, p.8).

² O termo práticas corporais é aqui entendido como uma categoria que abarca o movimentar humano, ou seja, todo o escopo de práticas ligadas à cultura de movimento, a saber: esporte, dança, ginástica, lutas, jogo etc. Ressaltamos também que a atividade física e o exercício físico, termos muito utilizados na área, são entendidos neste estudo como manifestações relacionadas à cultura de movimento (LAZZAROTTI FILHO *et. al.*, 2010).

Restringido o olhar para o campo do esporte, especificamente da natação³, Tahara, Santiago e Tahara (2006) afirmam que, em relação à mesma, os benefícios são diversos, a saber:

- Dimensão física: diminuição de impacto articular e tendíneo, estimulação e tônus muscular e melhora da eficiência dos sistemas respiratório e cardiovascular;
- Dimensão psicológica: melhora da autoestima, alívio do stress e maior disposição, e;
- Dimensão social: favorecimento das relações interpessoais, aumento nos laços de amizade e o compartilhamento de experiências.

Entretanto, mesmo com tal argumentação, estudo de Barros, Barros e Santos (2011) explicita que um grande número de pessoas não tem incorporado a prática de atividade física no seu dia-a-dia, mesmo que especialistas indiquem tal necessidade como estratégias para a prevenção e promoção da saúde.

Sobre esse ponto, extremamente preocupante, alguns argumentos são válidos, principalmente no que se refere aos modelos vigentes de prática esportiva. Na atualidade, o modelo do esporte profissional tem predominado em todos os cenários de prática. Haja vista sua marca inscrita na arquitetura urbana de praças e parques públicos, mediante a existência de quadras poliesportivas que reproduzem as demarcações oficiais das modalidades em questão. Sem mencionar a presença dessa mesma marca no interior de escolas, clubes e outras instituições, direcionando, além do conteúdo a ser praticado, a forma como o mesmo deva acontecer (nos moldes “oficiais”) (FARIA, 2001; OLIVEIRA, 2001).

Nessa mesma esteira, outra questão pertinente é o ensino do esporte. Sabe-se que a evolução do mesmo deu-se pelo progresso científico e tecnológico, juntamente com a expansão e avanço dos meios de comunicação de massa, em especial, a televisão (KUNZ, 1994). De acordo com o mesmo autor, esta evolução “[...] contribuiu para que o movimento no esporte se tornasse um movimento cada vez mais estereotipado e de uma efetivação prática de forma cada vez mais mecânica” (p.75). Consequentemente, aprender um esporte pode significar somente o domínio das técnicas do mesmo, implicando assim num ensino mecânico e repetitivo de certas gestualidades concernentes a cada modalidade específica.

Em Moisés (2006), que investigou o ensino da natação a partir das expectativas dos pais de alunos, há a afirmação que a desistência da referida prática se deu por insatisfação com o método

³ Para fins deste estudo, a natação será conceituada como “Um conjunto de habilidades motoras que proporcionem o deslocamento autônomo, independente, seguro e prazeroso no meio líquido, sendo a oportunidade de vivenciar experiências corporais aquáticas e de perceber que a água é mais do que uma superfície de apoio e uma dimensão, é um espaço para emoções, aprendizados e relacionamentos com o outro, consigo e com a natureza” (FERNANDES e COSTA, 2006, p.6).

desenvolvido nas aulas. De acordo com a autora, o mesmo não contemplava os interesses e necessidades pessoais dos alunos envolvidos, o que, pode levá-los a nunca mais praticar o esporte.

Fernandes e Costa (2006) corroboram a perspectiva acima, entendendo que o modelo esportivizado da prática da natação, na maioria das vezes, tem como objetivo final a aprendizagem dos quatro estilos formais de nado. Segundo as autoras, sob essa ótica desportiva, o processo de aprendizagem da natação pode se tornar “[...] monótono e sem significado para quem aprende e repetitivo e desinteressante para quem ensina” (p.5).

Para Fernandes e Costa (2006), os quatro estilos da natação competitiva devem se tornar conteúdos a serem desenvolvidos e não as metas do processo. Assim, as autoras consideram um desafio a superação desse paradigma, compreendendo que há necessidade de valorização dos saberes que o aluno traz consigo, bem como seus interesses e expectativas quanto ao processo de aprendizagem.

Diante do exposto, o entendimento inicial é de que, se a prática de atividade física possui potenciais benefícios à saúde, há necessidade de investimento de esforços que permitam seu amplo acesso e adesão. Para isso, compreendemos a pertinência de que tais práticas não estejam desvinculadas de seus praticantes, o que significa dizer que há necessidade de protagonizar as pessoas nos processos de ensino-aprendizagem⁴ e não somente as técnicas em si.

Dessa forma, temos como eixo central deste estudo a sistematização de uma proposta pedagógica para o ensino da natação à luz de pressupostos advindos do campo da pedagogia do esporte. Ao longo dos últimos anos, tal área de conhecimento tem-se mostrado profícua contribuidora de sólidos constructos teóricos e intervenções.

O amparo na literatura pertinente à pedagogia do esporte possibilitou a sistematização de uma proposta possível de ser aplicada no âmbito da promoção da saúde, que, numa prévia análise, carecia de um olhar aprofundado, principalmente no que se refere à atividade física/esportiva.

Assim, pudemos pensar numa prática de natação que fosse, ao mesmo tempo, uma atividade física e um conteúdo de aprendizagem, estando disponível a todos, consequentemente estando à serviço da promoção da saúde. Mas não a saúde reduzida à ausência de doenças, e sim na perspectiva de Minayo (1992), que afirma ser a saúde a resultante das condições de vida das pessoas, ou, como Palma, Estevão e Bagrichevsky (2003), uma experimentação do indivíduo em sua relação com a sociedade.

Num estudo realizado por Costa (2010), na qual houve análise de 218 artigos relacionados à natação publicados entre 1996 e 2010 no Brasil, verificou-se que, destes, apenas 32

⁴ Neste estudo, há o entendimento de que qualquer prática proporcionada à sociedade deva ser considerada no horizonte dos processos de ensino-aprendizagem, garantindo assim não somente o pronto acesso, mas também o ampliar do horizonte de conhecimento do aluno.

(14%) eram dedicados ao Ensino da Natação. Ou seja, muito tem se estudado sobre o que deve ser trabalhado para melhorar o rendimento ou a saúde, mas poucos têm se empenhado para tentar verificar qual a melhor forma de se ensinar o esporte, no caso deste estudo, a natação.

Objetivamos com este trabalho sistematizar uma proposta de ensino da natação calcado nos princípios da pedagogia do esporte. Para tal, enunciamos também os seguintes objetivos específicos:

- Compreender as possibilidades didático-pedagógicas do ensino da natação;
- Analisar a possível relação entre a sistematização do ensino da natação com os ideários da promoção da saúde.

Nossa hipótese é a de que uma proposta para o ensino da natação, com o respaldo das discussões advindas do campo da pedagogia do esporte centrará o aluno no processo, contemplando melhor seus anseios e, conseqüentemente, estará a serviço da promoção da saúde. Assim poderemos ter um ensino humanizado da natação.

Em consonância com os achados de Fernandes e Costa (2006), entendemos que ao considerar os conhecimentos prévios dos participantes estaremos fazendo com que eles participem ativamente do processo de construção de conhecimento acerca da modalidade, pois as aulas terão mais sentido e conseqüentemente serão menos repetitivas e mais motivantes. Dessa forma esperamos que a aprendizagem seja mais significativa e que lhes possibilite uma maior gama de possibilidades e vivências durante a prática, e, conseqüentemente em seu cotidiano.

Por fim esperamos confirmar nossa expectativa prévia de que a pedagogia do esporte possa estabelecer diálogo com a promoção da saúde, e dessa forma possa também figurar como sendo um campo da educação física destinado à produção do cuidado. Assim estaríamos confirmando a utilidade dos conhecimentos advindos das ciências humanas e sociais da educação física para a promoção da saúde.

2 – MÉTODO

Para fins deste estudo foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa, que, segundo Minayo (1994) responde a questões muito particulares, se preocupando com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Nessa ótica, temos o pesquisador como elemento principal, o que, segundo Marconi e Lakatos (2010), é uma das características da abordagem qualitativa de pesquisa. Ressaltamos que a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo (CEP/UNIFESP) e registrada sob o número 0163/12HE (Anexo 1).

2.1 – Coleta de dados

Para a busca de artigos, utilizamos os periódicos da área da Educação Física (área 21) listados no sistema *Qualis* da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES). A busca se concentrou em periódicos nacionais que tinham como política editorial o livre acesso aos artigos., contemplando todos os estratos: A1 a C.

As palavras-chave usadas na busca foram: “pedagogia and educação física”, “pedagogia and esporte”, “pedagogia and natação”, “ensino and natação”, “promoção da saúde”. A busca cobriu publicações dos últimos 20 anos, haja vista que é a partir da década de 1990 que as discussões pedagógicas na Educação Física em torno das práticas corporais se consolidaram.

Após essa primeira etapa, sistematizamos todas as referências encontradas e fizemos uma pré-análise⁵ que consistiu na leitura dos resumos dos artigos, da qual nos permitiu selecionar as obras que tiveram efetiva contribuição para a contemplação dos objetivos da pesquisa, considerando os seguintes critérios: referências que dialogassem com o campo da pedagogia; referências baseadas em relatos de experiência como ensino da natação e outros esportes; referências que propunham intervenções em educação física, esporte e saúde.

A busca por artigos científicos foi desenvolvida no período de junho a agosto de 2012, no qual realizamos reuniões para discussões acerca da seleção dos trabalhos que iriam compor a pesquisa.

Em cada revista realizamos buscas e armazenamos os títulos em uma planilha eletrônica. Ao todo encontramos 1877 artigos não repetidos. Esta grande quantidade de artigos se deu, principalmente pelo descritor de pesquisa “Promoção da Saúde”, que, por ser amplo, trouxe muitos trabalhos que não correspondiam aos nossos objetivos.

⁵ Para artigos, dissertações e teses, a pré-análise consistiu na leitura dos resumos. Para os livros, a pré-análise consistiu na leitura do prefácio e/ou introdução.

Após a leitura dos títulos foram selecionados 39 artigos que pareciam se aproximar de nossas expectativas. Ressaltamos que nesta etapa os trabalhos já utilizados na produção do projeto dessa pesquisa por questões de redundância foram desconsiderados.

Como última etapa da revisão de literatura fizemos a leitura dos resumos desses 39 artigos, por meio da qual, selecionamos 27, pois compatibilizavam com os critérios estabelecidos. Após essa pré-análise todo o material selecionado foi lido na íntegra, tendo contribuído para sistematizarmos a proposta pedagógica para o ensino da natação, objetivo central deste trabalho.

2.2 – Sistematização da proposta

Após a revisão de literatura, a proposta foi previamente estudada e descrita em linhas gerais, utilizando como referências de base Daolio (2002) e Catteau e Garoff (1990). A contribuição do primeiro autor se deu pelo estudo do modelo pendular de ensino dos esportes coletivos. Em relação à segunda referência, a contribuição foi específica para o estudo da natação, pois trouxe a trama dinâmica da natação, o tripé do processo de ensino na modalidade. Além disso, essas duas propostas possuem em comum o redimensionamento da dimensão técnica, que é aplicada em um momento mais tardio, quando o aluno já adquiriu conhecimentos em relação à modalidade.

O escopo original deste trabalho previa, em uma última etapa, a elaboração e aplicação um programa de ensino de natação para a comunidade acadêmica da Unifesp Baixada Santista, com o objetivo de ensinar natação à população de jovens e adultos que não soubessem nadar. Como a universidade não conta com um complexo aquático adequado para a oferta desta prática, não foi possível a execução dessa última fase.

3 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 – Revisão de literatura

Todos os trabalhos listados foram lidos na íntegra, a saber:

Quadro 1: Relação de artigos analisados na coleta de dados

Autor (es)	Revista/ano	Título	Qualis
Ferreira	Motriz (2009)	“Navegar é preciso, viver não é preciso”: risco no discurso da vida ativa	A2
Devide	Movimento (2002)	Educação Física, qualidade de vida e saúde: campos de intersecção e reflexões sobre a intervenção.	A2
Devide	Movimento (1996)	Educação Física e saúde: em busca de uma reorientação para a sua práxis.	A2
Moretti, <i>et al.</i>	Saúde e Sociedade (2009)	Práticas corporais/atividade física e políticas públicas de promoção da saúde.	A2
Ferreira <i>et al.</i>	Ciência e Saúde coletiva (2011)	Atividade física na perspectiva da Nova Promoção da Saúde: contradições de um programa institucional.	A2
Bacheladenski e Matiello Júnior	Ciência e Saúde coletiva (2010)	Contribuições do campo crítico do lazer para a promoção da saúde	A2
Malta <i>et al.</i>	Epidemiol. Serv. Saúde (2009)	A Política Nacional de Promoção da Saúde e a agenda da atividade física no contexto do SUS.	A2
Carmo Júnior	Motriz (2011)	Educação Física e a Cultura da Prática	A2
Correia, Miranda e Velardi	Movimento (2011)	A prática da educação física para idosos ancorada na pedagogia freireana: reflexões sobre uma experiência dialógica-problematizadora	A2
Hirai e Cardoso	Movimento (2009)	Possibilidades para o Ensino Orientado na Problematização: para a Realização da Concepção de "Aulas Abertas às Experiências"	A2
Gerez <i>et al.</i>	Rev. Bras. Ciênc. Esporte (2007)	A prática pedagógica e a organização didática dos conteúdos de educação física para idosos no projeto sênior para a vida ativa da usjt: uma experiência rumo à autonomia	A2
Collet, Donegá e Nascimento	Motriz (2009)	A organização pedagógica do treinamento de Voleibol: um estudo de casos em equipes mirins masculinas catarinenses	A2
Menezes	Motriz (2012)	Contribuições da concepção dos fenômenos complexos para o ensino dos esportes coletivos	A2
Vianna e Lovisollo	Motriz (2009)	Desvalorização da aprendizagem técnica na educação física: evidências e críticas	A2
Corrêa, Silva e Paroli	Motriz (2004)	Efeitos de diferentes métodos de ensino na aprendizagem do Futebol de Salão	A2
Darido e Farinha	Motriz (1995)	Especialização precoce na natação e seus efeitos na idade adulta.	A2
Nascimento <i>et al.</i>	Motriz (2009)	Formação acadêmica e intervenção pedagógica nos esportes	A2
Leonardo, Scaglia e Reverdito	Motriz (2009)	O ensino dos esportes coletivos: metodologia pautada na família dos jogos	A2
Castro, Giglio e Montagner	Motriz (2008)	O jogo no ensino do handebol: proposta de um plano de ensino pensado para a prática diária.	A2
Reverdito, Scaglia e Paes	Motriz (2009)	Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens	A2
Rodrigues e Darido	Movimento (2008)	A técnica esportiva em aulas de educação física: um olhar sobre as tendências sócio-culturais	B1
Souza e Baccin	Movimento (2009)	A Técnica no Ensino dos Esportes: Relações Entre o Campo de Conhecimento das Ciências Sociais e das Ciências Naturais	B1
Selau	Movimento (2000)	O comportamento lúdico infantil em aulas de natação	B1
Bertazolli, Alves e Amaral	Movimento (2008)	Uma abordagem pedagógica para a capoeira	B1
Rufino e Darido	Rev. Bras. Educ. Fis. Esporte (2012)	Pedagogia do esporte e das lutas: em busca de aproximações.	B2
Ramos e Neves	Pensar a prática (2008)	A iniciação esportiva e a especialização precoce à luz da teoria da complexidade – notas introdutórias	B2
Marcassa	Pensar a prática (2004)	Metodologia do ensino de ginástica: novos olhares, novas perspectivas	B2

Selecionados os artigos, dedicamo-nos a leitura dos mesmos, produzindo fichamentos. Esses fichamentos foram úteis para delinear o panorama de produção científica na área, bem como para direcionar a sistematização da proposta de ensino.

A leitura desses artigos nos permitiu agrupá-los em áreas temáticas, a saber:

- Práticas corporais e promoção da saúde;
- Educação Física e pedagogia;
- Pedagogia do esporte: reflexões e intervenções.

Essas categorias nos permitiram olhar os temas pedagogia, esporte e saúde sob diferentes perspectivas. A partir disso pudemos encontrar pontos em comum ou que tivessem alguma relação entre si.

3.1.1 – Práticas corporais e promoção da saúde

Os textos listados nesta categoria em geral trouxeram discussões acerca das práticas corporais e promoção da saúde. Para isso eles adotam um referencial de saúde e promoção da saúde mais ampliados, os quais consideram o indivíduo em todas as suas dimensões.

Os artigos listados nesta categoria dialogavam mais com as práticas corporais no geral do que com o esporte em particular, dando direcionamentos para estas quando se objetiva a saúde. No geral esses trabalhos trouxeram contrapontos como nova promoção da saúde e perspectiva clássica, risco epidemiológico e determinantes sociais, culpabilização do indivíduo e empoderamento.

Quadro 2: Práticas corporais e promoção da saúde

Artigos - Práticas corporais e promoção da saúde
“Navegar é preciso, viver não é preciso”: risco no discurso da vida ativa.
Educação Física, qualidade de vida e saúde: campos de intersecção e reflexões sobre a intervenção.
Educação Física e saúde: em busca de uma reorientação para a sua práxis.
Práticas corporais/atividade física e políticas públicas de promoção da saúde.
Atividade física na perspectiva da Nova Promoção da Saúde: contradições de um programa institucional.
Contribuições do campo crítico do lazer para a promoção da saúde
A Política Nacional de Promoção da Saúde e a agenda da atividade física no contexto do SUS.

As políticas de promoção da saúde da atualidade têm sido enfáticas em conferir centralidade às práticas de atividade física/esportiva como estratégias de produção de saúde. Além disso, há o apontamento de que tais práticas devem ser acessíveis a todos, priorizando intervenções comprometidas com a dimensão sociocultural das pessoas. Assim entendemos que antes de discutir

o papel das práticas corporais para a saúde, se faz necessário entender o que é promoção da saúde e qual a sua relação com a área profissional da Educação Física⁶.

Referente à promoção da saúde, Ferreira, Castiel e Cardoso (2011) identificam duas diferentes abordagens, as quais consideram ambíguas. A primeira delas, segundo os autores, conhecida como Comportamentalista ou Conservadora baseia-se em vertentes reducionistas da epidemiologia e é direcionada para a mudança de comportamentos que sejam condizentes com os riscos epidemiológicos, desconsiderando fatores socioculturais e ambientais e, conseqüentemente, responsabilizando os indivíduos pela manutenção de sua saúde. Em contrapartida, segundo os mesmos autores, a “Nova Promoção da Saúde” atenua a ênfase da abordagem comportamentalista, e apesar de também direcionar-se à mudança no estilo de vida, não culpabiliza as pessoas, pois considera os fatores socioculturais e ambientais que interferem em seu cotidiano.

Sob uma visão mais ampliada de saúde e promoção da saúde, Ferreira (2009) considera que, em se tratando da adoção de um estilo de vida saudável, apenas a força de vontade não é suficiente, pois as práticas sociais bem como as decisões humanas não acontecem somente de forma racional. Neste sentido a inatividade física deixaria de ser responsabilidade do indivíduo, passando a ser consequência de uma série de fatores alheios a vontade da pessoa.

Para Devide (1996) e Devide (2002), a saúde vista apenas sob o viés orgânico de aptidão física pode representar um reducionismo. Sendo assim entendemos que os ideais da “Nova Promoção da Saúde” são os que devem balizar a práxis do Profissional de Educação Física. Primeiro, por contribuir para transformações sociais considerando características que são únicas a cada indivíduo, como visto em Ferreira, Castiel e Cardoso (2010). Segundo porque a perspectiva Conservadora apesar de ser amplamente difundida nos recursos midiáticos, reduz as estratégias de mudança de comportamento à diminuição de riscos epidemiológicos traduzindo-se em uma relação de causalidade, conforme Devide (1996) e Ferreira, Castiel e Cardoso (2010).

Moretti *et al.* (2009) apontam que devem ser criados espaços para trocas e construção de saberes coletivos para assim habilitar as pessoas para a escolha de ações em prol de uma vida mais saudável. Segundo as autoras, uma atuação em saúde socialmente dirigida repercute diretamente na diminuição do aparecimento de doenças crônicas e incapacidades, consequência da diminuição de determinantes proporcionalmente à ampliação de acesso ao conhecimento de meios de ação.

A promoção da saúde, entendida como uma das estratégias de produção social de saúde deve estar articulada e permear políticas públicas e tecnologias a serem implantadas e pressupõe a interação entre o setor sanitário e os demais setores da sociedade, entre o indivíduo e seu meio, produzindo uma rede de corresponsabilidade pelo bem-estar global. (MORETTI *et al.*, 2009, p.348).

⁶ Para fins deste estudo, Educação Física será conceituada como sendo a área do conhecimento que estuda “o movimentar-se humano e suas objetivações culturais na perspectiva de sua participação/contribuição para a educação do homem” (BRACHT, 2000, p.61).

Em nossa busca nos deparamos com conceitos como empoderamento (ou *empowerment*), autonomia, emancipação e desenvolvimento omnilateral. Essas ideias têm sido utilizadas por autores da saúde coletiva e da pedagogia do esporte para que as práticas corporais e as estratégias de promoção da saúde estejam centradas nos indivíduos. Consideramos de extrema importância essa mudança nos paradigmas das ações, pois contribui para despertar a consciência das pessoas em relação a seus direitos e responsabilidades, tanto individuais quanto coletivas, podendo estes ser agentes transformadores da realidade.

Ferreira, Castiel e Cardoso (2010) pontuam que empoderamento e participação social constituem-se em direcionamentos principais para a “Nova Promoção da Saúde”, que, apesar de estimular a adoção de comportamentos saudáveis, é contrária a estratégias que prescrevem comportamentos sem considerar as condições sociais, econômicas e culturais. Moretti *et al.* (2009) corroboram essa perspectiva afirmando que a problematização e a criação de espaços de diálogo são importantes quando se pretende o enfrentamento individual e coletivo das dificuldades, sejam elas enfermidades, incapacidade ou relacionadas às questões socioambientais.

Segundo Malta *et al.* (2009), a promoção da Saúde não deve ser compreendida apenas como um conjunto de procedimentos para informar e capacitar indivíduos e organizações ou controlar determinantes das condições de saúde em grupos populacionais específicos. Mais do que isso, os autores são favoráveis que a promoção da saúde deve manter e aumentar o potencial individual e social de escolha entre estilos de vida mais saudáveis, prevendo a integralidade no cuidado e criação de políticas públicas, mediante articulação intersetorial. Bacheladenski, e Matiello Júnior (2010) corroboram com essa ideia e pontuam a necessidade de considerar os saberes prévios e as tradições locais. Em relação à atividade física, Devide (1996), na direção da afirmação acima, pronuncia que:

A Educação Física compromissada com a promoção da saúde deve, pois, levar os alunos a se exercitar, desenvolvendo além dos conhecimentos necessários à prática, a consciência de sua importância e de seus benefícios para o bem-estar. Além disso, deve possibilitar que os alunos identifiquem os inúmeros fatores que os impedem, muitas vezes de praticar exercícios regularmente. [...] Tal preocupação com a promoção da saúde não significa que a Educação Física deva deixar de atuar na busca de outros objetivos, mas que apenas assuma um compromisso maior com esse ideário. [...] Outra tarefa da Educação Física é desenvolver o senso crítico dos alunos a ponto de habilitá-los a identificar os fatores que afetam diretamente o seu estado de saúde. (DEVIDE, 1996, p.49).

Diante do exposto, entendemos que a Educação Física, alicerçada pelos propostos da pedagogia do esporte, é coerente com as práticas corporais que visem à promoção da saúde em seu conceito amplo. Verifica-se então que tanto a pedagogia do esporte quanto a promoção da saúde buscam o desenvolvimento da autonomia e direcionam-se para intervenções mais humanizadas.

3.1.2 – Educação Física e Pedagogia

Os artigos dessa categoria apresentaram discussões conceituais sobre Educação Física e intervenção pedagógica, além de relatarem experiências de intervenção. As temáticas abordadas nesses trabalhos revelam a importância das ciências humanas e sociais para a área de educação física, que bastante contribuem para ações que considerem os indivíduos como protagonistas do processo de ensino-aprendizagem e não meros coadjuvantes.

Quadro 3: Educação Física e pedagogia

Artigos - Educação Física e pedagogia
Educação Física e a Cultura da Prática.
A prática da educação física para idosos ancorada na pedagogia freireana: reflexões sobre uma experiência dialógica-problematizadora
Possibilidades para o Ensino Orientado na Problematização: para a Realização da Concepção de "Aulas Abertas às Experiências"
A prática pedagógica e a organização didática dos conteúdos de educação física para idosos no projeto sênior para a vida ativa da Ustj: uma experiência rumo à autonomia

Em relação à importância das ciências humanas e sociais no campo da EF, Carmo Junior (2011) pontua a necessidade de fortalecer os “vínculos interdisciplinares” com a área de humanidades para que tenhamos uma visão mais ampla de Educação Física, da qual, segundo o autor, somente as disciplinas da perspectiva científica biológica são insuficientes para tal. Percebe-se então que não é possível compreender a Educação Física em toda a sua complexidade sem abordagens filosóficas e antropológicas.

Gerez (2007) citando Carvalho (2001) aponta que ao olhar as pessoas apenas por parâmetros fisiológicos e antropométricos estamos reconhecendo-as como bonecos, afastando-se dos sujeitos como se eles fossem meros detalhes da intervenção. Esse tipo de abordagem acaba por desconsiderar as dimensões socioculturais dos indivíduos, contribuindo para uma intervenção centrada no que Hirai e Cardoso (2009) citando Freire (1987) chamam de ativismo, que é uma prática sem fundamento e centrada na simples ação que muitas vezes acaba por ser oposta ao conhecimento.

Contrários a esse ativismo, Correia, Miranda e Velardi (2011) apontam para a necessidade de estruturação de uma Educação Física que seja baseada na subjetividade e nos saberes dos sujeitos, sendo esta direcionada às necessidades humanas. Este ideal é consonante com a definição de motricidade humana de Merleau-Ponty (1994) vista em Carmo Junior (2011), que a considera como “a capacidade de movimento como expressão e sentido”.

Os trabalhos de Gerez *et al.* (2009) e Correia, Miranda e Velardi (2011) preconizam que intervenções com práticas corporais devem primar pela autonomia e empoderamento das pessoas.

Autonomia para Correia, Miranda e Velardi (2011) é mais do que independência física, e sim uma experiência de liberdade.

Segundo Correia, Miranda e Velardi (2011) ganhos físicos não devem ser os únicos objetivos de intervenções com práticas corporais, e nem a prática deve ser reduzida a uma simples realização. Eles defendem que essa prática deve ter viés crítico e emancipatório. Para tanto, embasados em Freire (1983), afirmam que o processo educativo não deve se resumir ao ato de depositar ideias, sendo o diálogo essencial para a construção coletiva de conhecimento.

Assim, Correia, Miranda e Velardi (2011), ao discorrem sobre a atuação da Educação Física na educação em saúde, afirmam que:

Como avançar no conhecimento na área da educação física se é exigido apenas a repetição de movimentos? Como conhecer mais a educação física se não há a provocação à curiosidade, requisito necessário para a construção do conhecimento? Como chegar à autonomia se tudo já foi pré-delimitado? [...] O profissional de educação física deve oferecer à comunidade atendida uma educação rearranjada, refletida e integrada, possibilitando ao sujeito, no espaço cultural, político e social de que faz parte, se desenvolver junto com a sociedade e que esse desenvolvimento social seja acompanhado pela transformação social (p.289).

Gerez *et al.* (2009) concluem que as práticas corporais devem então primar pela autonomia, sendo uma facilitadora do auto cuidado, e engajamento em ações coletivas. Assim, os indivíduos terão condições de posicionarem criticamente frente à prática de atividade física.

Dessa forma, a problematização configura-se em uma interessante estratégia para o ensino em saúde. Hirai e Cardoso (2009) pontuam que uma intervenção baseada na problematização deve conduzir os alunos à busca de soluções e que isso deve ser feito de forma consciente, configurando-se em uma possibilidade alternativa de ensino. Sobre uma educação física problematizadora Correia, Miranda e Velardi (2011) consideram que ela deve fazer frente ao imobilismo de pensamento, à reprodução do movimento e à disciplina do corpo, devendo preocupar-se com reflexões sobre as práticas corporais de forma dinâmica e contextualizada.

Hirai e Carsoso (2009) estabelecem uma interessante relação entre ensino em saúde baseado na problematização e a concepção de “Aulas Abertas as Experiências” de Hildebrandt e Lagging (1986). Segundo esses autores, o ensino que ocorre por meio da descoberta e solução de problemas é um método interessante, pois centraliza o aluno no processo de ensino. Para os autores, o ensino deve ocorrer à partir dos saberes prévios dos alunos, o que possibilita infindadas variedades de movimentos.

Assim, parece haver consenso sobre a necessidade de tornar autônomos os indivíduos nos processos de ensino das práticas corporais. Para isso, é necessário uma formação e uma atuação que considere o indivíduo integralmente e não somente em sua dimensão biológica. É neste sentido que as ciências humanas e sociais assumem seu papel de importância, o de humanizar as intervenções.

3.1.3 – Pedagogia do esporte e outras práticas corporais: reflexões e intervenções

Os textos aqui relacionados apresentam aplicações práticas com a pedagogia do esporte, além de relatos de experiência e elaboração de propostas para o ensino do esporte e outras práticas corporais. Verifica-se que os autores são favoráveis a formação de jogadores inteligentes, ou seja, que tenham habilidade para agir com autonomia estando mais aptos para a tomada de decisões frente à pressão posta pela aleatoriedade dos jogos. Neste sentido torna-se fundamental a protagonização dos indivíduos no processo de ensino-aprendizagem.

Quadro 4: Pedagogia do esporte: reflexões e intervenções

Artigos -Pedagogia do esporte: reflexões e intervenções
A organização pedagógica do treinamento de Voleibol: um estudo de casos em equipes mirins masculinas catarinenses
Contribuições da concepção dos fenômenos complexos para o ensino dos esportes coletivos
Desvalorização da aprendizagem técnica na educação física: evidências e crítica.
Efeitos de diferentes métodos de ensino na aprendizagem do Futebol de Salão.
Especialização precoce na natação e seus efeitos na idade adulta.
Formação acadêmica e intervenção pedagógica nos esportes.
O ensino dos esportes coletivos: metodologia pautada na família dos jogos.
O jogo no ensino do handebol: proposta de um plano de ensino pensado para a prática diária.
Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens.
A técnica esportiva em aulas de educação física: um olhar sobre as tendências sócio culturais.
A Técnica no Ensino dos Esportes: Relações Entre o Campo de Conhecimento das Ciências Sociais e das Ciências Naturais
O comportamento lúdico infantil em aulas de natação
Uma abordagem pedagógica para a capoeira
Pedagogia do esporte e das lutas: em busca de aproximações.
A iniciação esportiva e a especialização precoce à luz da teoria da complexidade – notas introdutórias
Metodologia do ensino de ginástica: novos olhares, novas perspectivas

Dada a relação polimorfa que o esporte tem com a saúde, que em alguns cenários carrega potenciais benefícios, mas que em outros tem grande tendência a produzir impacto negativo para a vida das pessoas, consideramos pertinentes os estudos selecionados nesta categoria. Nesse sentido a área da pedagogia do esporte foi conquistando seu espaço inclusive na grade curricular dos cursos superiores. Nascimento *et al.* (2009) relaciona mudanças ocorridas na estrutura dos cursos nos últimos anos e aponta falhas nos métodos mais tradicionais. Os autores consideram necessário uma sólida formação didático-pedagógica baseada na teoria e na prática, com a finalidade de formar profissionais aptos a mediar uma aprendizagem que seja mais significativa para seus alunos.

Juntamente com o movimento renovador ocorrido na década de 80, segundo Vianna e Lovisollo (2009), surgiu um movimento de crítica ao ensino dos esportes na escola que pode ter

contribuído para desvalorização da aprendizagem técnica e aprofundamento de conhecimentos esportivos. Entretanto, Souza e Baccin (2009) reiteram que o ensino da técnica esportiva deve ser mantido, pois as atividades corporais são históricas e aprimoradas conforme o refinamento das práticas sociais frente aos desafios advindos do sujeito e natureza.

Selau (2000) afirma que a literatura científica desde a década de 1970 prioriza o ensino técnico. Neste sentido a atividade lúdica vem sendo marginalizada. Segundo o autor, “o movimento pode ser simbólico, ou seja, jogo, que proporciona prazer, alegria; ou técnico, carregado de expressões faciais de seriedade, que objetivam perícia, para a aquisição de novos conhecimentos” (p. 54). Quando o componente simbólico acaba, termina-se o jogo, tornando-se exercício (NEGRINE, 1994 citado por SELAU, 2000). Compreendemos então que as metodologias de ensino tradicionais se desenvolvem pelo viés técnico suprimindo a dimensão simbólica.

Autores como Rodrigues e Darido (2008) e Souza e Baccin (2009) fazem críticas aos modelos de ensino centrados no desenvolvimento da técnica esportiva. Rodrigues e Darido (2008), embasados em Bracht (2000), defendem que as pedagogias críticas não buscam abolir o ensino das técnicas esportivas, mas sim ensiná-las dotadas de outros sentidos e finalidades. Os autores argumentam que “movimento, desprovido da subjetividade de quem realiza, é fator de alienação” (p.141). A técnica pode ser executada pelos alunos, porém a construção dos movimentos deve ser proveniente das suas vivências individuais e coletivas deles, dotada de sentido e significado.

O problema segundo Rodrigues e Darido (2008), pode estar no fato de a educação física, mesmo nos espaços destinados a aprendizagem, ter se apoderado “incondicionalmente não só os movimentos e as técnicas esportivas, mas também os seus códigos, significados e objetivos do modelo do esporte de rendimento, como a exclusão e seleção” (p. 144). A aplicação do modelo profissional em ambientes e fases inadequadas pode trazer efeitos negativos para os praticantes, como por exemplo, a especialização precoce. Darido e Farinha (1995) definem especialização precoce como sendo atividades esportivas realizadas por crianças com menos de 12 anos de idade, periodicidade superior a 3 sessões semanais, carga superior a 2 horas por sessão e metodologia voltada para a melhoria do rendimento. Os autores consideram o assunto complexo, pois envolve aspectos biológicos, ambiental e sociocultural. Em sua pesquisa, constituída por entrevistas com ex-atletas de natação iniciados precocemente nos anos 70, Darido e Farinha (1995) chegaram a resultados que consideraram nebulosos. Mesmo com todos os reveses postos pela especialização precoce, todos os 10 entrevistados acharam válida a experiência, 6 deles consideraram consideraram-na muito positiva e os outros 4 apesar de apontar restrições, apresentaram-se de certa forma satisfeitos.

Citando Daolio (2002), Rodrigues e Darido (2008) lembram que a aprendizagem esportiva não deve centrar-se na técnica, primeiro porque a aprendizagem destes gestos demandam

tempo e treinamento, segundo, porque alunos com diferentes culturas trazem diferentes demandas de movimentos. Reverdito, Scaglia e Paes (2009) realizaram uma pesquisa para analisar as principais abordagens em pedagogia do esporte. Verificou como problema a distância entre teoria e prática, o que confere às aulas caráter empírico e instrumental. A maioria dos estudos está voltada a metodologias do treino esportivo, sendo que poucos se relacionam à educação pelo esporte. Concluem que é mais importante conhecer as características gerais dessas metodologias e relacioná-las do que simplesmente seguir uma específica de forma acrítica.

Em se tratando de metodologias de ensino de esportes coletivos, Menezes (2012) defende uma metodologia que rompa com o reducionismo e mecanicismo das abordagens tradicionais. Trata-se de tentar ensinar o esporte por meio da reprodução de situações que são mais próximas da aleatoriedade de um jogo real. Ao invés de se fragmentar rotinas no intuito de ensinar o esporte por meio de sequências pedagógicas essa metodologia consegue trabalhar outros conteúdos que vão além da técnica e tática simplesmente. Para o autor, esse tipo de metodologia forma jogadores inteligentes e mais aptos para a tomada de decisões frente à pressão posta pela aleatoriedade do jogo.

Quanto aos esportes individuais, Rufino e Darido (2012) referem-se a poucos estudos relacionados à pedagogia deste tipo de modalidade. Os autores afirmam que a forte vinculação dos esportes com o rendimento acabou por deixar as questões educacionais para segundo plano. Referente à pedagogia das lutas o estudo aponta para o distanciamento entre alunos e professores nas aulas, em que o “mestre” é dotado da verdade absoluta, restando aos alunos copiar os movimentos. Citando Kozub e Kozub (2004) os autores afirmam que deve-se priorizar os aspectos táticos no início por serem mais agradáveis. Alunos que aprendem apenas gestos técnicos apresentam defasagens nos conhecimentos e apropriação dos aspectos táticos. Conforme Rufino e Darido (2012) a prática pedagógica deve ser voltada para quem faz o gesto, devendo estimular a emancipação, saber crítico e subjetivo, devendo levar a atitudes críticas. Os autores afirmam que para esse tipo de modalidade as metodologias parciais e globais são as mais indicadas, devendo-se utilizar também de jogos e brincadeiras.

Ramos e Neves (2008) apresentam alguns autores que confrontam a ideia da racionalidade no ensino dos esportes. Esse racionalismo tem como norte o desenvolvimento de capacidades físicas, aprimoramento de técnica e tática, modelo ideal de atleta a ser seguido, seleção e exclusão de crianças, campeonatos que reproduzem modelo profissional e competição como principal referência de avaliação. Esse racionalismo, segundo os autores, perpassa a ideia de que o treinamento esportivo é linear, bastando o professor selecionar e capacitar e às crianças restando o papel de se submeter. Compreendemos que esse tipo de abordagem tem forte tendência em resultar numa especialização precoce.

Numa perspectiva contrária a esse racionalismo, Ramos e Neves (2008) defendem que a pedagogia do esporte, primando pelos fenômenos complexos, trata o esporte infantil e a iniciação esportiva como sendo importantes para além de desenvolver capacidades motoras e habilidades técnicas e táticas, é interessante para aprender cooperação, desenvolver autonomia, desenvolver o gosto pelo esporte, lazer, aprender a competir e socializar-se, motivar-se, enfim “equilibrando o que é racional e o que é sensível” (p.7). Neste sentido verificam se os benefícios de se possibilitar a experimentação de diferentes modalidades antes de se optar pela especialização em uma.

No intuito de contribuir com essa não especialização precoce, o estudo de autores como Leonardo, Scaglia e Reverdito (2009) procuram desenvolver metodologias alternativas. Os mesmos autores preconizam a iniciação esportiva por uma perspectiva mais lúdica: utilizando jogos. Baseando-se em jogos para a organização das práticas, os professores poderão “ter uma maior certeza de que a atividade pensada como jogo será realmente jogada plenamente pelo seus alunos e não executada como uma atividade qualquer, podendo, dessa forma, atingir seu principal objetivo de aprendizagem[...]” (p.238). Os autores pretendem com essa abordagem proporcionar uma aprendizagem mais prazerosa e consequentemente significativa para os alunos.

Para tanto, os autores recorrem ao conceito de família dos jogos, trazido por Scaglia (2003), em que essas famílias são compostas por jogos que possuem características comuns entre si, como por exemplo, a presença de um alvo, usar as mãos ou invasão. A ideia é que os conteúdos aprendidos e desenvolvidos nestes jogos pré-desportivos poderão ser transferidos para modalidades esportivas da mesma família. Este tipo de abordagem permite vivências diversificadas, podendo o participante experimentar mais de uma modalidade na mesma aula.

Nessa mesma esteira, Castro, Giglio e Montagner (2008) desenvolveram uma metodologia para o ensino de Handebol para crianças de 9 a 12 anos utilizando jogos. Esses jogos também tinham como característica objetivar a satisfação dos participantes tanto no que se refere ao prazer pela prática como no aumento de conhecimentos referente a modalidade. Essa metodologia tem por finalidade desenvolver tática e técnica de uma forma alternativa às tradicionais. Os autores também são favoráveis quanto ao reposicionamento da ênfase técnica em uma fase mais tardia, neste sentido utilizam a citação de Costa *et al.* (2002) em que “sem conhecer a essência do jogo e dos seus princípios táticos, não se pode aproveitar na plenitude os recursos técnicos” (p.68).

Estudos práticos comprovam os benefícios de se utilizar os pressupostos da pedagogia do esporte nas práticas corporais. Por exemplo, Collet, Donegá e Nascimento (2009) em seu estudo analisaram 54 atletas de voleibol de 3 equipes mirins e seus respectivos treinadores. Este estudo teve por objetivo avaliar a conduta dos treinadores quanto ao processo de ensino-aprendizagem. Verificou-se que em geral os técnicos se preocupavam com a melhoria da técnica e desenvolvimento de aspectos táticos, corrigindo os atletas com feedbacks. Existia uma preocupação

em se reproduzir situações reais de jogo, inclusive em atividades que não utilizavam a quadra inteira. Segundo os autores a metodologia e a organização pedagógica causava maior envolvimento por parte dos atletas.

Já Corrêa, Silva e Paroli (2004) verificaram os efeitos de diferentes métodos de treinamento em escolares praticantes de futebol de salão. Participaram 50 meninos e 57 meninas com idade média de 12,6 anos, que foram divididos em 4 grupos, em cada qual uma metodologia foi aplicada. Essas metodologias foram: Método Parcial (processo de ensino realizado por partes, em etapas), Método Total (Ensino realizado por meio do jogo em si), Método Tático (Construção de conhecimentos pela resolução de problemas) e Método Situacional (reprodução de situações de jogo). Os autores concluíram que os meninos não apresentaram variações conforme os métodos. Entretanto as meninas foram mais sensíveis ao treinamento, sendo o método total mais efetivo. Os autores sugerem que essa diferenciação pode ter ocorrido pelo fato de as meninas terem menor envolvimento com a modalidade. Percebeu-se melhores resultados nas metodologias que proviam maior liberdade.

Marcassa (2004) e Bertazzoli, Alves e Amaral (2008) utilizaram-se da abordagem de aulas “Abertas as Experiências”, a primeira em aulas de ginástica e o segundo em aulas de capoeira. Ambos defendiam a não utilização da técnica padrão nas aulas, com a finalidade de permitir que os alunos experimentassem as modalidades sem o compromisso com a técnica, podendo aprender e compreendê-las por meio de outras dimensões. Os alunos da intervenção com capoeira eram convidados a criar golpes e defesas de uma forma livre, o que resultou no final do programa em uma prática com características únicas dotadas dos conhecimentos e experiências prévias dos participantes. No estudo de Marcassa (2004), apesar de se tratar de uma pesquisa bibliográfica, os achados condizentes com os de Bertazzoli, Alves e Amaral (2008). Ambos os trabalhos traziam a experimentação de movimentos como facilitadores para o desenvolvimento da autonomia.

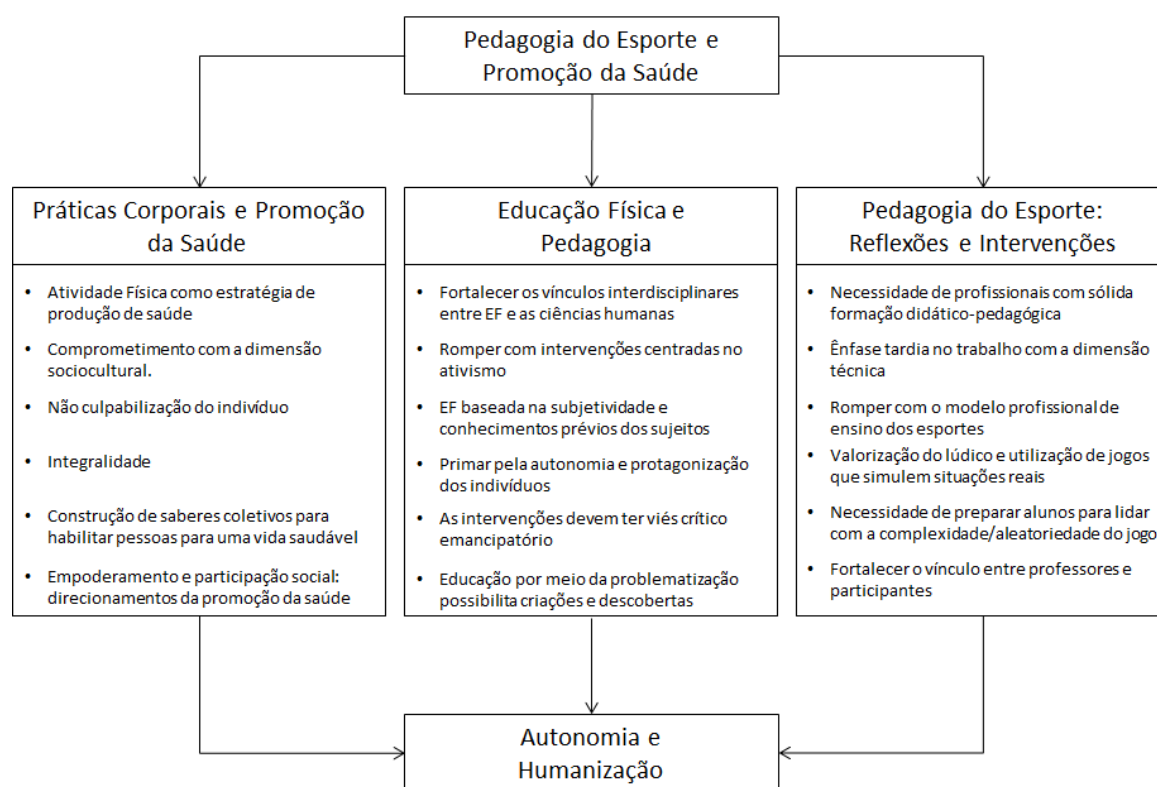
Destaca-se o fato de que dos 27 artigos vistos em nossa revisão, apenas 1 traz o tema ensino da natação, corroborando com os achados de Costa 2010. Em seu trabalho com temática relacionada ao comportamento lúdico infantil nas aulas de natação, Selau (2000) afirma que uma aprendizagem técnica, ou mesmo recreativa com a finalidade de ensino técnico não tem um potencial para despertar alegria tão grande quanto às brincadeiras espontâneas. Assim o autor pontua que a liberdade de movimento permite maiores vivências no meio aquático, e objetos ampliam a capacidade criativa.

Outro ponto que Selau (2000) destaca é a importância do professor. Um professor acolhedor possibilita experiências mais agradáveis na água, pois o aumento do vínculo afetivo facilita o aprendizado. Neste sentido o autor considera a importância de o professor estar dentro da piscina junto aos alunos.

Percebemos que a melhora no desempenho em atividades esportivas ocorre como consequência de um eficaz processo de ensino aprendizagem em que além das capacidades físicas leve ao aprimoramento de outros aspectos relacionados a fenômenos complexos. Podemos dizer então que o empoderamento, por desenvolver a autonomia está a serviço da promoção da saúde e por consequência também contribui com a melhora do rendimento, desenvolvendo inteligência e ampliando possibilidades de tomada de decisão.

Apesar das diferentes categorias identificadas, as discussões propostas por todos os artigos convergiram para as temáticas autonomia e humanização. Autonomia, no sentido de prover aos alunos conhecimentos adequados para que possam agir conscientemente em suas práticas; e, humanização no sentido de protagonizar os participantes no processo, sendo esses o “centro” das intervenções, e não meros coadjuvantes.

Figura 1 - Diagrama de Síntese dos resultados da Pesquisa Bibliográfica



Nessa perspectiva trabalhamos na sistematização de uma proposta que pudesse além de protagonizar o aluno no processo de aprendizagem favorecer o desenvolvimento de sua autonomia, pois entendemos que assim estaríamos considerando sua dimensão sociocultural no processo. Nossa pesquisa bibliográfica trouxe artigos que discutiam a descentralização da técnica no processo de ensino como estratégia para romper com a mecanização do método e a estereotipação dos movimentos advindos do modelo tradicional.

3.2 – Sistematização da Proposta

Daolio e Velozo (2008) ressaltam que é curioso notar que a palavra “técnica” tradicionalmente é usada como sinônima de movimento correto, daí advindo expressões como “gesto não técnico” ou “movimento sem técnica”. Nessa esteira, a dimensão técnica é supervalorizada, conseqüentemente, o ensino dos esportes fica à mercê das repetições dos gestos técnicos.

De substantivo feminino (a técnica como um processo ou um saber) a palavra passou a ser usada como adjetivo (forma técnica ou expressão técnica), chegando finalmente, com a adição do sufixo “mente”, a um advérbio (tecnicamente, significando “maneira técnica”) (DAOLIO e VELOZO, 2008, p.9).

Na perspectiva de Daolio (2002) a técnica é entendida como o modo de fazer, aliada a dimensão tática, que seria a razão do fazer. Para essa definição, o autor recorre à Mauss (2003), que entende ser a técnica a maneira pela qual os seres humanos sabem servir-se de seus corpos. Assim, pode-se entender que, no interior de cada modalidade esportiva, não existe uma técnica certa e errada no interior da modalidade, apenas técnicas diferentes.

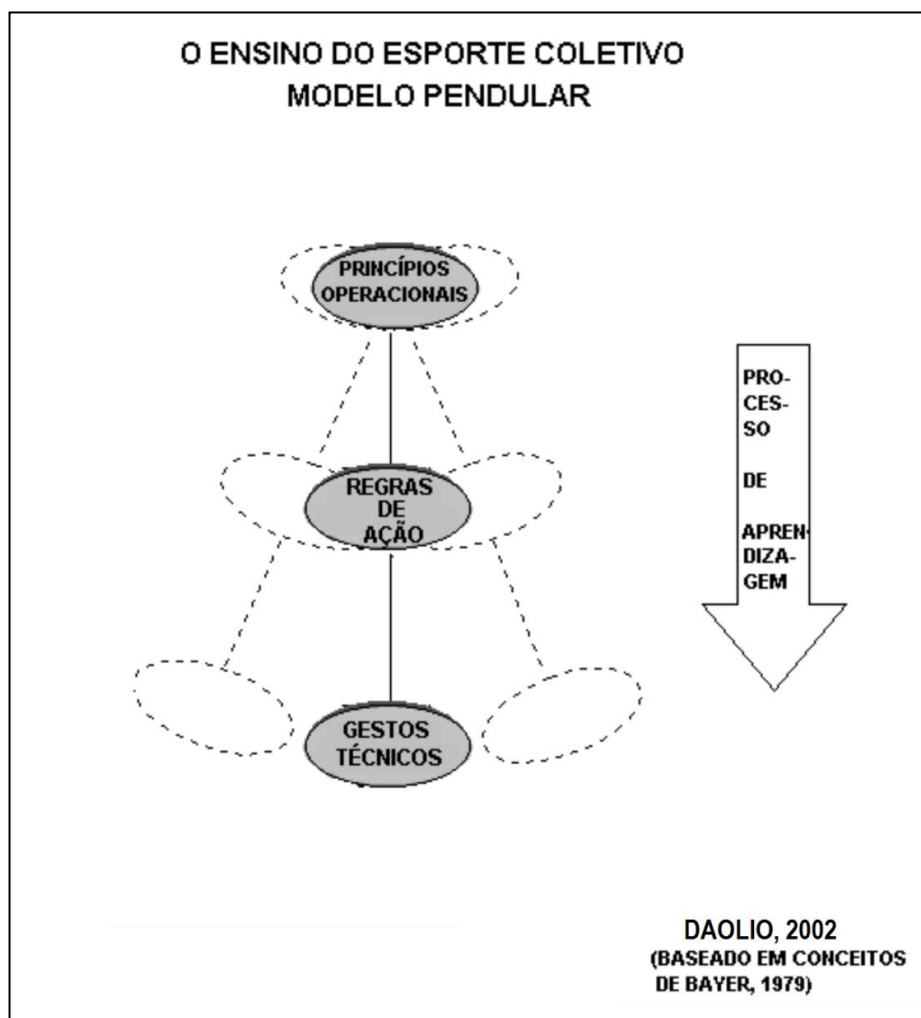
Não se trata de secundarizar as formas eficientes de execução esportiva, mas de colocá-la no tempo correto da aprendizagem, afim de se evitar, ou o abandono precoce de qualquer forma esportiva devido à frustrações, ou a especialização também precoce de uma única forma, fato tão nefasto quanto o anterior. (DAOLIO, 2002, p. 101).

Como já dito anteriormente, nossa proposta desenvolveu-se a partir das contribuições de Daolio (2002). O mesmo desenvolveu o Modelo Pendular para o ensino do Esporte Coletivo. Trata-se de uma leitura diferente do processo de aprendizagem dos esportes coletivos, o qual, dividido em 3 segmentos, possibilita a vivência do esporte num modelo mais amplo.

Para Daolio (2002), independente da especificidade de cada modalidade esportiva, existe um denominador comum que as une.

[...] seis **invariantes**: uma bola (ou implemento similar), um espaço de jogo, parceiros com os quais se joga, adversários, um alvo a atacar (e, de forma complementar, um alvo a defender) e regras específicas. São essas invariantes que geram a categoria Esporte Coletivo, ou Jogo Esportivo Coletivo, e que permitem visualizar uma mesma estrutura de jogo. Possuindo estrutura comum, é possível considerar as modalidades esportivas dentro de uma mesma lógica, o que as tornam passíveis de um mesmo tratamento pedagógico para seu ensino. Esta abordagem de ensino dos esportes coletivos considera as semelhanças entre as várias modalidades, definindo seis **princípios operacionais** comuns, divididos em dois grandes grupos, um para o ataque e outro para a defesa. Segundo Bayer, os três princípios operacionais de ataque são: (1) conservação individual e coletiva da bola, (2) progressão da equipe e da bola em direção ao alvo adversário e (3) finalização da jogada, visando à obtenção de ponto. Os três princípios operacionais da defesa são: (1) recuperação da bola, (2) impedir o avanço da equipe contrária e da bola em direção ao próprio alvo e (3) proteção do alvo visando a impedir a finalização da equipe adversária (DAOLIO, 2002, p.100, grifos do autor).

Figura 2 – Modelo Pendular⁷ de ensino dos esportes coletivos proposto por Daolio (2002).



Diante do exposto, o autor afirma que o ensino do esporte mediante as semelhanças estruturais entre as modalidades é um dos principais avanços na literatura nos últimos anos, creditando o esforço a duas publicações: Bayer (1994) e Garganta (1995). De acordo com Daolio (2002), a maior contribuição deste tipo de abordagem é a possibilidade de formar alunos/praticantes mais inteligentes, cooperativos, autônomos “[...] que saberão primeiramente, escolher a prática esportiva em seus momentos de lazer ao longo de sua vida [...] e terão condições de participar ativamente de várias modalidades da chamada cultura esportiva” (p. 100).

Já as regras de ação se constituem nos mecanismos necessários para operacionalização dos princípios operacionais, ou seja, os meios necessários para se alcançar o êxito na vivência esportiva (DAOLIO, 2002).

Por fim, os gestos técnicos se constituem no momento no qual é dada ênfase na

⁷ “A intenção desse modelo é mostrar que, como um pêndulo em balanço, os princípios operacionais, na sua base, realizam um movimento menor do que na sua extremidade, onde se localizam os gestos técnicos” (DAOLIO, 2002, p.102).

aprendizagem específica das diferentes técnicas das diferentes modalidades esportivas. Eis aqui a contribuição que torna essa proposta inovadora: a ênfase tardia na técnica. Isso não significa que essa dimensão seja desprezada pelo autor, porém é redimensionada.

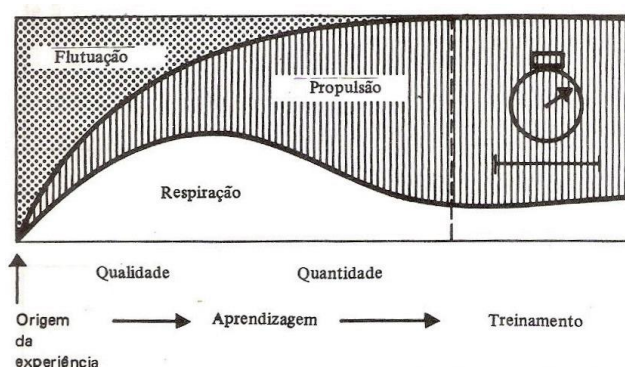
Apesar de originalmente ter sido desenvolvido para o ensino das modalidades coletivas, entendemos que o Modelo Pendular pode ser adaptado às modalidades individuais⁸, restando os ajustes necessários às diferentes modalidades. Assim consideramos que o modelo supracitado compatibiliza-se à modalidade natação.

Em relação a esta modalidade, Catteau e Garoff (1990) consideram que saber nadar é dominar, em qualquer eventualidade, o triplo problema equilíbrio, respiração e propulsão. Eles denominam essa problemática de “Trama Dinâmica da Natação”.

Os autores afirmam que os componentes da trama são interdependentes, ou seja, é interessante que estes sejam trabalhados de forma simultânea, mesmo que haja destaque alternado para um ou outro. A representação esquemática (Figura 3) apresentada pelos autores mostra um contínuo linear em que vai se variando a representatividade de cada componente ao longo do processo. No início prioriza-se a aprendizagem da flutuação, aos poucos adicionando a propulsão e a seguir a respiração. Em uma sequência lógica, primeiro aprende-se a controlar o corpo na água, para em seguida poder se deslocar e por fim adaptar-se a respiração para ser realizada com o corpo em movimento no meio líquido. Subsequente à fase de aprendizado estaria a etapa destinada ao treinamento.

Somente após a assimilação e domínio da trama dinâmica é que as técnicas formais de nado seriam ensinadas. Os autores entendem que dominando a trama o aluno estaria adaptado ao meio líquido.

Figura 3 – Trama dinâmica da natação de Catteau e Garoff (1990)⁹



⁸ Outros estudos com esporte individual já foram desenvolvidos a partir dos pressupostos presentes em Daolio (2002), como por exemplo: Gomes *et. al.* (2010), que sistematizaram proposta para o ensino de lutas, ou Andrade e Oliveira (2013) que desenvolveu uma proposta para o ensino do Taekwondo.

⁹ Faz-se necessário ressaltar que nesta imagem os autores utilizam a palavra flutuação para denominar o componente equilíbrio. Entretanto, na obra nenhuma menção é feita no sentido de justificar essa alteração.

Dessa forma, verificamos a existência de uma interessante compatibilidade entre metodologia e objetivos propostos pelo modelo pendular de Daolio (2002) e a trama dinâmica da natação de Catteau e Garoff (1990), pois ambos propõem de certa forma uma ênfase posterior na dimensão técnica. Essa realocação da técnica no processo de ensino-aprendizagem permite que os alunos possam melhor conhecer e compreender a estrutura das modalidades, além de possibilitar o desenvolvimento dos fenômenos complexos, conforme explicitados por Ramos e Neves (2008), que estudaram a iniciação esportiva sob os pressupostos da teoria da complexidade, resultando na formação de alunos autônomos e inteligentes. Tanto em Daolio (2002) quanto em Catteau e Garoff (1990) o aprendizado da técnica deve ser parte do processo de ensino e não uma meta final a ser cumprida.

Assim, para desenvolver uma proposta pedagógica para o ensino da natação baseado nestes dois modelos supracitados partimos do princípio que cada um dos estilos formais de nado, apesar de suas características gestuais próprias, possuem como denominadores comuns:

- Meio líquido;
- Alterações no equilíbrio;
- Respiração e deslocamento;
- Ponto de partida e chegada;
- Viradas;
- Resistência hidrodinâmica;
- Arrasto propulsivo, e;
- Busca pela economia de movimento.

Estas seriam as invariantes da natação, para usar um termo de Daolio (2002).

Assim, tomando como referência o modelo pendular, baseada no mesmo autor nossa proposta também será representada por um pêndulo. A base do pendulo representa os **Princípios Operacionais**, composto pelos componentes da trama dinâmica de Catteau e Garoff (1990): flutuação (entrada na água, imersão, abandono do equilíbrio terrestre, equilíbrio horizontal, reequilíbrio), respiração (expiração completa, expiração intensa, ritmo de respiração) e propulsão (criação e busca de apoio, propulsão pelas pernas, construção do espaço pelos braços, procura da amplitude e ritmo).

Após os princípios operacionais, quando o aluno já aprendeu a dominar cada um dos componentes isoladamente, se iniciaria a etapa de **Consolidar a Trama Dinâmica**, que assim como as Regras de Ação do modelo de Daolio (2002) destina-se à operacionalização dos princípios.

Para Daolio (2002)

[...] para se obter sucesso na progressão da bola e da equipe em direção ao alvo adversário,

são necessárias algumas ações individuais e coletivas, tais como, criar linhas de passe, colocação individual em espaços onde a bola poderá chegar, desmarcação em relação aos jogadores adversários, entre outras. (p. 100).

Em nosso modelo, na fase de consolidação da trama o aluno dedica-se a desenvolver o domínio em conjunto da flutuação, respiração e propulsão, de forma a harmonizá-los frente aos desafios impostos pelo processo de ensino. Assim, existe a necessidade de criar desafios que visem o rompimento da harmonia entre os componentes da trama, por exemplo, fazendo o aluno nadar com ou sem auxílio de instrumentos (pranchas, espaguètes, flutuadores, etc.) ou deslocar-se pela piscina sem utilizar a batida de pernas ou com outra variação que o permita consolidar a trama dinâmica. Aqui o paradigma da problematização também pode ser utilizado também nesta etapa, estimulando os alunos a pensarem soluções para os desafios propostos.

Apesar de nessa etapa já surgirem traços de fundamentos dos estilos formais de nado, o maior objetivo desta fase é o de possibilitar que os alunos desenvolvam autonomia frente à modalidade. Dessa forma evidencia-se que aqui pode ser feita uma introdução ao gestual técnico da natação, mas sem a exigência de correções especializadas.

Na última etapa, que ocorre quando o aluno já possui um sólido domínio da trama, é que ocorre o aprimoramento das **Técnicas de Nado**. Nesta fase o aluno teria maior contato com componentes da natação competitiva e profissional. Entendemos que à medida que se aumentam as especificidades pertinentes a cada estilo, existe maior variação nos processos de aprendizagem. Assim como em Daolio (2002) essa variação de possibilidades é representada pelo maior movimento observado na extremidade do pêndulo.

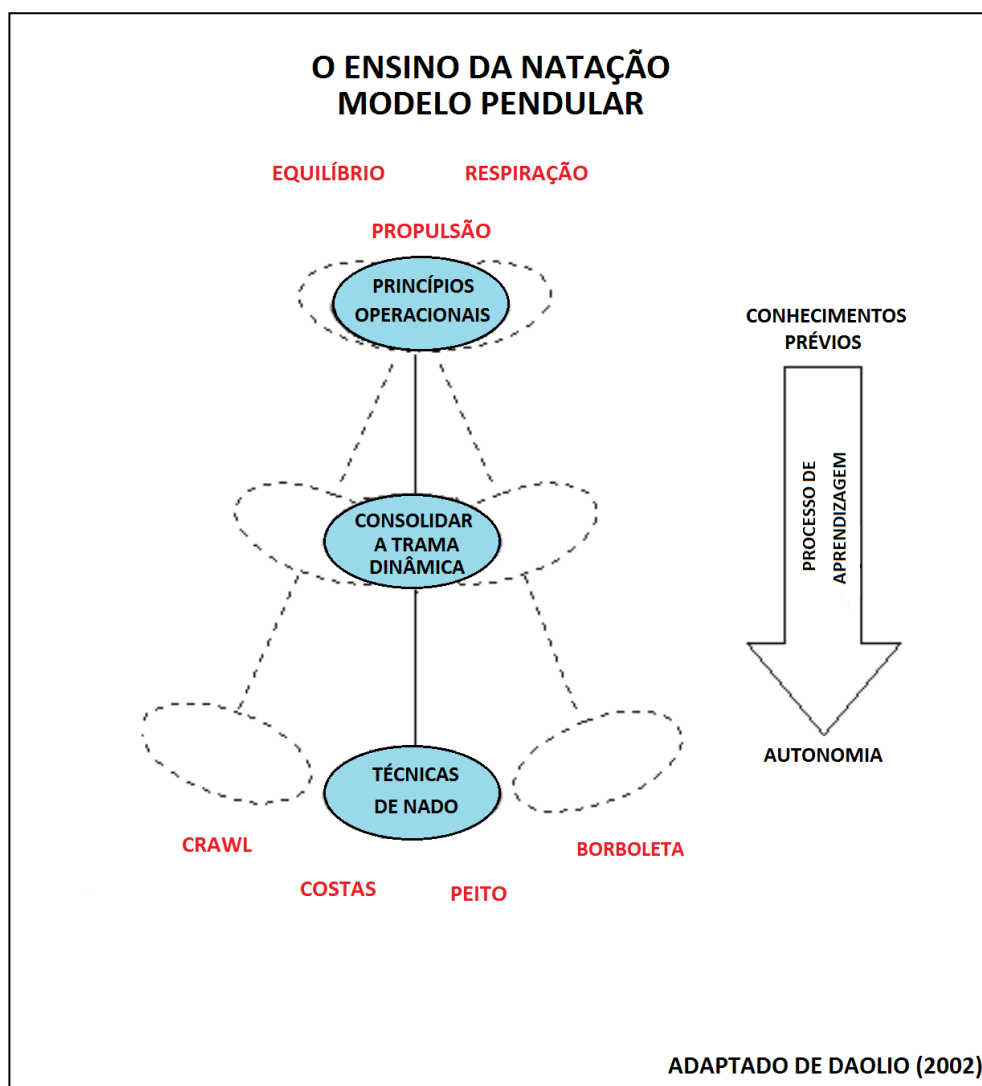


Figura 4 – Modelo Pendular para o ensino da natação

Em resumo, podemos dizer que o modelo acima parte dos conhecimentos prévios do aluno e tem como diretriz principal o desenvolvimento da autonomia. Na base do pêndulo estão as aprendizagens mais gerais, e à medida que as técnicas de nado vão sendo ensinadas, ocorre uma maior variação nos processos de ensino, justificando o maior movimento na extremidade do pêndulo.

Transportando o modelo pendular para o formato de um plano de aulas, devemos primeiramente considerar a divisão das etapas e seus objetivos no decorrer do programa. A fase “Princípios Operacionais” ocupará as primeiras etapas do plano de aulas, e nestas serão abordados os componentes da trama dinâmica.

A fase “Consolidar a Trama Dinâmica” ocupará as etapas restantes, com o objetivo de os alunos solidificarem a trama e dominá-la frente às diversidades postas pelo nado. Para tanto faz-se necessário dividir essa etapa em 3 partes, as quais denominamos “nível básico”, “nível intermediário” e “nível avançado”. Seus objetivos estão representados no quadro 5. Ressaltamos

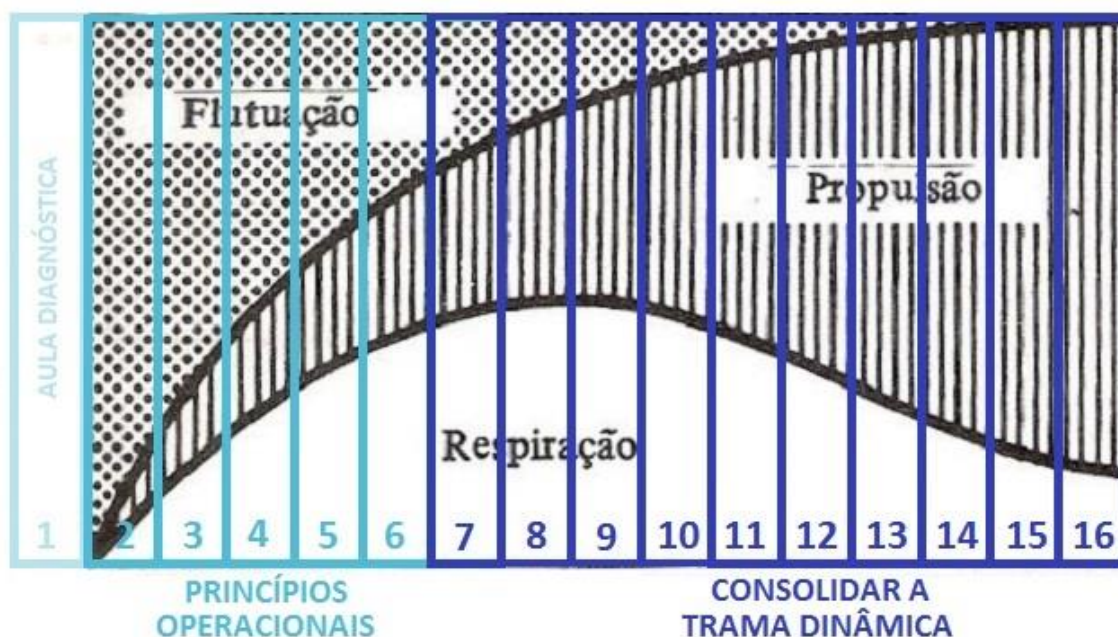
que por se tratar de um programa de ensino da natação para iniciantes, a fase técnicas de nado não será contemplada neste trabalho.

Quadro 5: Aspectos gerais do programa

Princípios Operacionais	Consolidar a Trama Dinâmica		
Apresentar os elementos fundamentais para o nado	<u>Nível Básico</u> Conjugar os componentes da trama dinâmica para produzir o nado	<u>Nível Intermediário</u> Ampliar o domínio do nado frente às situações de dificuldade	<u>Nível Avançado</u> Conhecer elementos avançados da natação

Com base no exposto, elaboramos um plano composto por 16 etapas, sendo a primeira dedicada a uma avaliação diagnóstica, as 5 subsequentes destinadas a fase “Princípios Operacionais”, e as 10 últimas para a fase “Consolidar a Trama Dinâmica”. Utilizamos a esquematização da trama dinâmica de Catteau e Garoff (1990) para representar tais etapas, sendo que cada “fatia” representa a proporcionalidade com que cada um dos componentes da trama será enfatizado.

Figura 5 – Etapas da proposta.



Cada etapa deve conter a quantidade de aulas necessárias para a contemplação dos objetivos propostos. Não é objetivo deste trabalho apresentar um programa fechado ou um passo a passo com aulas pré-montadas, pois entendemos que atividades específicas devem ser elaboradas de acordo com as individualidades de cada turma.

Cabe ao professor identificar as necessidades de seus alunos e dimensionar as aulas em

cada etapa adequando assim essa proposta às características de sua turma. Mesmo os objetivos e as ênfases a serem utilizados podem ser redimensionados e repensados durante o processo.

A seguir apresentamos as etapas de nossa proposta:

Quadro 6: Etapa 1 – Aulas Diagnósticas

AULAS DIAGNÓSTICAS	ETAPA 1
Objetivo: Resgatar conhecimentos prévios dos alunos sobre natação.	
Conteúdo: Identificar experiências que os alunos já tiveram com nado.	
Princípios operacionais: Não será enfatizado nenhum dos princípios operacionais.	
Estratégias metodológicas: Apresentar a piscina e seus elementos. Conversa para resgatar conhecimentos e vivências prévias dos alunos com natação. Solicitar aos alunos que tentem colocar em prática os conhecimentos levantados na conversa. Relacionar os conhecimentos levantados pelos alunos com a trama dinâmica. Apresentar a trama dinâmica e deixar que os alunos experimentem flutuação, respiração e propulsão (atividades simplificadas).	
Avaliação: Ao final da aula espera-se que os alunos reconheçam o ambiente de aula e seus elementos, e que tenham tomado contato com os princípios operacionais. Quanto ao professor espera-se que o mesmo tenha conseguido conhecer os alunos e identificar suas características, possibilitando a elaboração de estratégias adequadas para as próximas aulas.	
Recursos materiais: Possibilidade de uso de implementos flutuadores.	

Segundo Darido (2012) na avaliação diagnóstica “o professor passa a conhecer melhor seus alunos e como ele pode facilitar a aprendizagem” (p. 139). Nesta aula, por exemplo, é que o professor perceberá os alunos com maior dificuldade, ou aqueles que não são familiarizados com o meio líquido. Esta primeira etapa é fundamental para a elaboração de todo o planejamento restante, pois a partir das características dos alunos é que as demais aulas poderão ser planejadas de forma coerente.

Quadro 7: Etapa 2 – Experimentações com o Meio Líquido: Flutuação

EXPERIMENTAÇÕES COM O MEIO LÍQUIDO I: flutuação	ETAPA 2 Princípios Operacionais
Objetivo: Conhecer as possibilidades do corpo no meio líquido com ênfase em flutuação.	
Conteúdo: Vivências com equilíbrio estático e dinâmico em diferentes planos.	
Princípios operacionais: Ênfase na flutuação. Os princípios respiração e propulsão poderão ser introduzidos.	
Estratégias metodológicas: Apresentar o princípio operacional flutuação. Permitir aos alunos vivenciar o equilíbrio em diferentes possibilidades. Solicitar aos alunos que criem estratégias para tirar os pés do fundo da piscina. Trabalhar o equilíbrio em movimento. Explorar diferentes planos e posições.	
Avaliação: Ao final desta etapa espera-se que os alunos consigam ter um melhor controle sobre seu corpo no meio líquido.	
Recursos materiais: Possibilidade de uso de implementos flutuadores.	

Nesta etapa, o objetivo é estimular os alunos ampliarem o controle corporal no meio líquido. Não é esperado aqui que eles consigam dominar o componente flutuação, pois isso ocorrerá somente ao longo da prática. Ao final desta etapa os praticantes devem ter experimentado possibilidades de equilíbrio em diferentes planos, de forma estática ou com deslocamentos. Podem ser usados implementos flutuadores para auxiliá-los.

As atividades deverão ser propostas por meio de problematizações, esperando que os alunos encontrem as respostas para as situações. Isso contribuirá para o desenvolvimento de sua autonomia frente às alterações de equilíbrio postas pelo meio líquido.

A respiração e a propulsão deverão ser abordadas de forma acessória, ou seja, elas não serão o objetivo principal da etapa. À medida que os alunos forem adquirindo um melhor controle de seu corpo na piscina, esses outros dois componentes poderão aparecer como possibilidade para ampliar a dificuldade da flutuação.

Quadro 8: Etapa 3 – Experimentações com o Meio Líquido II: Flutuação + Propulsão

EXPERIMENTAÇÕES COM O MEIO LÍQUIDO II: flutuação + propulsão	ETAPA 3 Princípios Operacionais
Objetivo: Desenvolver o controle do equilíbrio na água em deslocamento.	
Conteúdo: Trabalhar o equilíbrio dinâmico.	
Princípios operacionais: Ênfase na flutuação. O princípio propulsão será mais explorado. A respiração poderá ser explorada.	
Estratégias metodológicas: Trabalhar a flutuação em movimento. Solicitar aos alunos que criem estratégias para se deslocar pela água sem tocar o fundo da piscina com os pés.	
Avaliação: Ao final desta etapa espera-se que os alunos consigam ter um melhor controle sobre seu corpo em movimento no meio líquido.	
Recursos materiais: Possibilidade de uso de implementos flutuadores.	

Na etapa 3, os alunos deverão começar a explorar mais a movimentação pela água. Como consequência espera-se que ampliem o controle do equilíbrio dinâmico, ou seja, aquele que ocorre com o corpo em movimento.

Ainda não devemos estimular o deslocamento usando a movimentação com os braços e as pernas, devendo estes surgir a partir das experimentações dos alunos. Pode-se utilizar, por exemplo, a parede ou o fundo da piscina como meios para produzir impulso. Outro exemplo de possibilidade é um aluno caminhar pela água segurando a mão de um colega para que ele se desloque sem tocar o chão com os pés.

Quadro 9: Etapa 4 - Experimentações com o meio líquido III: flutuação + respiração

EXPERIMENTAÇÕES COM O MEIO LÍQUIDO III: flutuação + respiração	ETAPA 4 Princípios Operacionais
Objetivo: Ampliar o equilíbrio na água realizando a respiração	
Conteúdo: Trabalhar o equilíbrio estático e dinâmico realizando a respiração.	
Princípios operacionais: Ênfase na flutuação. O princípio respiração será mais explorado. A propulsão será trabalhada nos exercícios de deslocamento.	
Estratégias metodológicas: Solicitar aos alunos que tentem flutuar tentando deixar o rosto submerso. Solicitar aos alunos que criem estratégias para se deslocar pela água tentando deixar o rosto submerso.	
Avaliação: Ao final desta etapa espera-se que os alunos consigam realizar a respiração mesmo que de forma primitiva enquanto se deslocam ou flutuam.	
Recursos materiais: Possibilidade de uso de implementos flutuadores.	

Apesar de a respiração ser explorada nessa etapa, o objetivo principal continua sendo a flutuação em suas diferentes possibilidades. Contudo, nesta fase do programa é esperado que os alunos já tivessem certa autonomia com a modalidade para poder começar a realizar atividades com o rosto na água.

Podem existir casos em que participantes não se sintam confortáveis em deixar seu rosto submerso na água. Neste caso, como a ênfase maior ainda é o aprimoramento da flutuação, pode-se, por exemplo, solicitar que eles apenas tentem realizar a expiração com a boca submersa. Espera-se que ao final desta etapa o aluno já tenha domínio suficiente de seu corpo na água para poder aprender a respiração.

Quadro 10: Etapa 5 - Experimentações com o meio líquido IV: respiração + flutuação + propulsão

EXPERIMENTAÇÕES COM O MEIO LÍQUIDO IV: respiração + flutuação + propulsão	ETAPA 5 Princípios Operacionais
Objetivo: Desenvolver o princípio respiração	
Conteúdo: Trabalhar a respiração em diferentes possibilidades.	
Princípios operacionais: Ênfase na respiração. O princípio flutuação também será bastante explorado.	
Estratégias metodológicas: Solicitar aos alunos que tentem encontrar possibilidades para colocar o rosto na água e deixar o maior tempo possível. Ensinar a respiração para os alunos e solicitar para que tentem colocar o rosto na água e deixar o maior tempo possível. Solicitar aos alunos que criem estratégias para se deslocar pela água realizando a respiração.	
Avaliação: Ao final desta etapa espera-se que os alunos consigam realizar a respiração, conseguindo deslocar-se com o rosto na água.	
Recursos materiais: Possibilidade de uso de implementos flutuadores.	

Nesta etapa, o objetivo principal é ensinar a respiração aos alunos, para que estes ampliem sua autonomia na água, conseguindo lidar com situações em que o rosto esteja submerso. A ênfase da etapa é o princípio respiração, mas os demais também são trabalhados.

Ao solicitar que os alunos tentem deixar o rosto o maior tempo possível em contato com a água, provavelmente existirão casos em que alunos segurarão a respiração, voltando a respirar somente quando retirar o rosto da água. Assim se faz necessário dedicar algum momento para ensinar a respiração. Isso pode partir do professor ou de algum aluno que tenha chegado a uma solução satisfatória para a problemática proposta.

Outro ponto interessante é o de solicitar aos alunos que tentem se deslocar realizando a respiração. Apesar de aparentemente ser uma atividade complexa, exigirá dos alunos que trabalhe

os 3 princípios operacionais ao mesmo tempo. A partir daí poderemos dizer que a trama dinâmica da natação está em funcionamento.

Quadro 11: Etapa 6 – Trama Dinâmica

TRAMA DINÂMICA	ETAPA 6 Princípios Operacionais
Objetivo: Exercitar a trama dinâmica.	
Conteúdo: Deslocar-se pela água realizando a respiração.	
Princípios operacionais: Flutuação, respiração e propulsão em conjunto.	
Estratégias metodológicas: Solicitar aos alunos que se desloquem pela água realizando a respiração. Encorajar alunos a deixar de utilizar materiais auxiliares para flutuação.	
Avaliação: Ao final desta etapa espera-se que os alunos consigam se deslocar autonomamente pela água, mesmo os que ainda necessitem de materiais auxiliares para flutuação.	
Recursos materiais: Possibilidade de uso de implementos flutuadores.	

A etapa 6 caracteriza-se pela solidificação da autonomia do aluno com a água. Este já conhece e minimamente domina todos os princípios operacionais, e é capaz de utilizá-los em conjunto. É objetivo desta etapa permitir aos alunos vivenciar a trama dinâmica, esperando que com isso eles ampliem sua independência na água.

A partir daqui os alunos devem começar a ser estimulados a deixar de utilizar os implementos auxiliares flutuadores. Essa transição ocorrerá a medida que os praticantes forem se sentindo seguros com o nado.

Quadro 12: Etapa 7 – Aprimoramento do nado I: propulsão com as pernas.

APRIMORAMENTO DO NADO I: propulsão com as pernas	ETAPA 7 Consolidar a Trama (nível básico)
Objetivo: Ampliar habilidade de propulsão com as pernas.	
Conteúdo: Trabalhar propulsão com as pernas.	
Princípios operacionais: Trama Dinâmica com ênfase em propulsão.	
Estratégias metodológicas: Os alunos devem encontrar possibilidades para que consigam se deslocar utilizando a movimentação com as pernas de uma forma mais eficiente durante o nado. Essas possibilidades devem ser criadas, compartilhadas e experimentadas por todos os participantes.	
Avaliação: Ao final desta etapa espera-se que os alunos tenham aprimorado a propulsão com as pernas.	
Recursos materiais: Possibilidade de uso de implementos flutuadores.	

A partir da etapa 7, o objetivo geral do programa passa a ser o aprimoramento do nadar. Aprimorar o nado não significa que os alunos devam desenvolver a técnica formal da natação. O que se espera aqui é que os mesmos encontrem possibilidade para se deslocar pela piscina com maior eficiência, ou seja, dominar todos os princípios operacionais, ampliando o controle de seu corpo na água e movimentando-se com autonomia.

O desenvolvimento da habilidade de propulsão de pernas é importante para a manutenção do equilíbrio durante o nado. Caberá aos alunos nesta etapa encontrar meios de movimentar as pernas que sejam mais eficientes tanto para a propulsão, quanto para a manutenção do equilíbrio.

Quadro 13: Etapa 8 – Aprimoramento do nado II: propulsão com os braços.

APRIMORAMENTO DO NADO II: propulsão com os braços	ETAPA 8 Consolidar a Trama (nível básico)
Objetivo: Ampliar habilidade de propulsão com os braços.	
Conteúdo: Trabalhar propulsão com os braços.	
Princípios operacionais: Trama Dinâmica com ênfase em propulsão.	
Estratégias metodológicas: Os alunos devem encontrar possibilidades para que consigam se deslocar utilizando a movimentação com os braços de uma forma mais eficiente durante o nado. Essas possibilidades devem ser criadas, compartilhadas e experimentadas por todos os participantes.	
Avaliação: Ao final desta etapa espera-se que os alunos tenham aprimorado a habilidade de propulsão com os braços.	
Recursos materiais: Possibilidade de uso de implementos flutuadores.	

Na etapa 8, os alunos deverão encontrar meios para movimentar os braços com a finalidade de facilitar seu deslocamento na água. Não é objetivo das etapas 7 e 8 preocupar-se com a velocidade do deslocamento.

Quadro 14: Etapa 9 – Aprimoramento do nado III: respiração.

APRIMORAMENTO DO NADO III: respiração	ETAPA 9 Consolidar a Trama (nível básico)
Objetivo: Aprimorar o princípio respiração.	
Conteúdo: Trabalhar a respiração.	
Princípios operacionais: Trama Dinâmica com ênfase em respiração.	
Estratégias metodológicas: Os alunos devem encontrar possibilidades para facilitar a respiração durante o deslocamento coordenando a com a movimentações de braço.	
Avaliação: Ao final desta etapa espera-se que os alunos tenham aprimorado a respiração durante o deslocamento.	
Recursos materiais: Possibilidade de uso de implementos flutuadores.	

O foco desta fase é permitir ao aluno desenvolver a coordenação de seus movimentos com a respiração. Isso deve surgir de forma natural, não devendo o professor ditar regras como “3 braçadas e uma respiração”. Deve se também estimular aos alunos encontrar quais as melhores estratégias para tirar seu rosto da água e respirar sem interferir em seu equilíbrio.

Quadro 15: Etapa 10 – Desafios para o Nado I: limitação de movimentos.

DESAFIOS PARA O NADO I: limitação de movimentos	ETAPA 10 Consolidar a Trama (nível intermediário)
Objetivo: Aprimorar o princípio deslocamento.	
Conteúdo: Trabalhar o deslocamento em situações de dificuldade.	
Princípios operacionais: Trama Dinâmica com ênfase em deslocamento.	
Estratégias metodológicas: Solicitar aos alunos que criem meios para se deslocar na água segurando um objeto flutuador com as mãos. Solicitar aos alunos que criem meios para se deslocar na água segurando um objeto flutuador com as pernas. Solicitar aos alunos que criem meios para se deslocar na água sem movimentar as pernas. Solicitar aos alunos que criem meios para se deslocar na água sem movimentar os braços. Para ambos os exercícios solicitar aos alunos que se preocupem em realizar a respiração de forma correta.	
Avaliação: Ao final desta etapa espera-se que os alunos consigam ampliar o controle do corpo durante o nado em situações de dificuldade.	
Recursos materiais: Uso de implementos flutuadores.	

A partir desta etapa o nado começa a tornar-se mais complexo. As vivências dos alunos serão pautadas em desafios. O objetivo é estimular a autonomia dos alunos mesmo em situações de dificuldade.

A etapa 10 propõe dificuldades para o deslocamento limitando o uso dos braços ou das pernas. Isso impactará também no equilíbrio dos participantes além de ser uma oportunidade para se aprimorar o princípio propulsão.

Quadro 16: Etapa 11 – Desafios para o Nado II: fluidez de nado.

DESAFIOS PARA O NADO II: fluidez de nado	ETAPA 11 Consolidar a Trama (nível intermediário)
Objetivo: Diminuir as pausas durante os deslocamentos	
Conteúdo: Deslocar-se pela água diminuindo as paradas.	
Princípios operacionais: Trama Dinâmica com ênfase em deslocamento.	
Estratégias metodológicas: Solicitar aos alunos que nadem e criem estratégias para diminuir as pausas durante o percurso Encorajar os alunos a deixarem os flutuadores.	
Avaliação: Ao final desta etapa espera-se que os alunos consigam nadar de forma mais fluida, diminuindo pausas para respirar ou por desequilíbrio.	
Recursos materiais: Possibilidade de uso de implementos flutuadores.	

A problemática desta etapa está na diminuição das pausas. Os alunos deverão elaborar estratégias para reduzir as paradas e ter um nado mais fluido. É desejável que os praticantes não mais necessitem do auxílio de flutuadores.

Quadro 17: Etapa 12 – Desafios para o Nado III: nado submerso.

DESAFIOS PARA O NADO III: nado submerso	ETAPA 12 Consolidar a Trama (nível intermediário)
Objetivo: Vivenciar o nado submerso.	
Conteúdo: Deslocar-se sob a água.	
Princípios operacionais: Trama Dinâmica com ênfase em propulsão e respiração.	
Estratégias metodológicas: Solicitar aos alunos que criem estratégias para executar o nado submerso.	
Avaliação: Ao final desta etapa espera-se que os alunos consigam realizar o nado submerso.	
Recursos materiais: -	

Nesta etapa os alunos tomam contato com o nado sob a água. Esse tipo de deslocamento dependerá do controle que os participantes adquiriram sobre a respiração ao longo do programa. Aprender o nado submerso será importante para se poder futuramente realizar a entrada na água.

Quadro 18: Etapa 13 – Aspectos Avançados do Nado I: entrada na água.

ASPECTOS AVANÇADOS DO NADO I: entrada na água	ETAPA 13 Consolidar a Trama (nível avançado)
Objetivo: Vivenciar a entrada na água	
Conteúdo: Trabalhar com os alunos a entrada na água.	
Princípios operacionais: Trama Dinâmica.	
Estratégias metodológicas: Solicitar aos alunos que criem formas de entrar na água. Solicitar aos alunos que entrem na água e nadem tentando não colocar os pés no chão.	
Avaliação: Ao final desta etapa espera-se que os alunos consigam realizar a entrada na água.	
Recursos materiais: -	

Na etapa 13 será trabalhada a transição do corpo do meio externo para o aquático. Não é esperado que ao final desta etapa os alunos conseguissem realizar mergulhos. Objetiva-se, porém que aprimorem o controle do corpo na transição entre os ambientes, superando a instabilidade da entrada na água e deslocando-se.

Quadro 19: Etapa 14 – Aspectos Avançados do Nado II: troca de direção.

ASPECTOS AVANÇADOS DO NADO II: troca de direção	ETAPA 14 Consolidar a Trama (nível avançado)
Objetivo: Realizar a troca de direção	
Conteúdo: Trabalhar com os alunos a troca de direção.	
Princípios operacionais: Trama Dinâmica.	
Estratégias metodológicas: Solicitar aos alunos que criem estratégias para a troca de direção. Os mesmos deverão impulsionar seus corpos em direção à parede e tentar trocar a direção do nado, usando-a Solicitar aos alunos que nadem e ao chegar próximos a parede a utilizem para a troca de direção	
Avaliação: Ao final desta etapa espera-se que os alunos desenvolvam a habilidade de trocar de direção.	
Recursos materiais: -	

Nesta etapa os alunos deverão vivenciar a troca de direção. Não é esperado que ao final da etapa 14 os alunos executem viradas, pois estas variam conforme o estilo de nado e deverão ser abordadas juntamente com os mesmos na fase “Técnicas de Nado”. O objetivo aqui é que ao nadar até a extremidade da piscina, os praticantes consigam alterar o sentido do deslocamento sem interromper o nado.

Quadro 20: Etapa 15 – Aspectos Avançados do Nado III: velocidade.

ASPECTOS AVANÇADOS DO NADO III: velocidade	ETAPA 15 Consolidar a Trama (nível avançado)
Objetivo: Estimular os alunos a aumentar a velocidade de nado.	
Conteúdo: Aprimorar a velocidade de deslocamento.	
Princípios operacionais: Trama Dinâmica.	
Estratégias metodológicas: Solicitar aos alunos que criem estratégias para aumentar a velocidade de nado. Solicitar aos alunos que entrem na água, nadem e façam a troca de direção.	
Avaliação: Ao final desta etapa espera-se que os alunos consigam nadar de forma mais rápida, melhorando assim a flutuação e o controle de seus corpos na água. Não é objetivo de esta aula comparar o desempenho entre os alunos.	
Recursos materiais: Cronômetro.	

A penúltima etapa do programa destina-se a aprimorar a velocidade do nado. A natação, como esporte tem por característica a superação dos tempos.

Quadro 21: Etapa 16 – Tópicos Sobre Natação Competitiva.

TÓPICOS SOBRE NATAÇÃO COMPETITIVA	ETAPA 16 Consolidar a Trama (nível avançado)
Objetivo: Permitir a vivência de elementos da natação competitiva.	
Conteúdo: Vivências com elementos da natação competitiva.	
Princípios operacionais: Trama Dinâmica.	
Estratégias metodológicas: Realizar um mini festival de nado, apresentando elementos como cronômetro e sinal para entrada na água.	
Avaliação: Ao final desta etapa espera-se que os alunos se apropriem dos elementos da natação como esporte de competição. Não é objetivo de esta aula comparar o desempenho entre os alunos.	
Recursos materiais: Cronômetro e súmula.	

A conclusão da proposta se dará por meio de um festival. O objetivo é permitir aos alunos conhecer elementos da natação de competição, como cronômetro e súmula. Ao mesmo tempo os alunos deverão realizar a entrada na água, deslocar-se pela piscina, realizar a troca de direção e retornar ao ponto inicial.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a contribuição deste trabalho se dá pela possibilidade de compreender o ensino da natação por outras perspectivas, alternativas ao modelo profissional. Um ensino da natação realizado à luz dos pressupostos da pedagogia do esporte agrega conteúdos que vão além dos de caráter técnico, permitindo que os alunos experimentem as possibilidades de seu corpo no meio líquido antes de aprender o gestual formal da modalidade. Quanto à relação do ensino da natação com a saúde em sua concepção ampla, verifica-se que ela é possível, desde que os participantes sejam o centro do processo. Assim, estabelece-se a humanização das práticas e a autonomia como elos entre o esporte e a saúde. Dessa forma, pode-se afirmar que existe uma relação latente entre pedagogia do esporte e a promoção da saúde, e se explorada em estudos futuros, permitirá melhor clareza sobre o binômio esporte-saúde.

Ao ensinar natação partindo dos conhecimentos prévios dos alunos, teremos um ensino comprometido com a dimensão sociocultural dos participantes. Um processo mais amplo de ensino possibilita uma maior adesão dos alunos (por simplificar o processo de iniciação), e compactua com a promoção da saúde (por ampliar o acesso à prática). Após a nossa proposta, acreditamos que o aluno deva ter adquirido autonomia suficiente para poder vivenciar com prazer e segurança o ambiente aquático em seus diferentes contextos, inclusive estando preparado para aprender o gestual técnico da natação competitiva, caso seja de seu interesse.

Em relação à humanização e a autonomia discutidos em nosso texto, pode-se verificar que essas temáticas, se consideradas nas intervenções, mediam o diálogo entre pedagogia do esporte e promoção da saúde. Compreendemos que esse tipo de abordagem resulta em participação ativa e consciente dos indivíduos, e consequentemente com vivências mais significativas que atendam melhor as demandas e necessidades do público.

Uma proposta para o ensino da natação calcada nos princípios da pedagogia do esporte e compromissada com a saúde em seu conceito amplo é aquela que soma seus ensinamentos aos conhecimentos dos alunos, e, a partir destes últimos reinventa-se para cada vez mais centralizá-los no processo. Assim espera-se a formação de praticantes dotados de autonomia, que conheçam as possibilidades de seu corpo no meio líquido, e que a partir disso tenham vivências mais amplas.

5 – REFERÊNCIAS

ANDRADE, E.R. ; OLIVEIRA, R.C. Pedagogia do esporte e taekwondo: sistematização de uma proposta de ensino. **Lecturas Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 18, n. 184, p. 1-1, set., 2013.

BACHELANDENSKI, M. S.; MATIELLO JÚNIOR, E. Contribuições do campo crítico do lazer para a promoção da saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.15, n.5, p.2569-2579, ago./set., 2010.

BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO, A. (Orgs.). **A saúde em debate na educação física**. Blumenau: Edibes, 2003.

BARROS, V. G. B.; BARROS, S. S. H.; SANTOS, C. M. Recomendações para prática de atividade física. In: FLORINDO, A. A.; HALLAL, P. C. (Orgs.). **Epidemiologia da Atividade Física**. São Paulo: Atheneu, 2011, p.27-38.

BAYER, C. **O ensino dos deportes colectivos**. Lisboa, Dinalivro, 1994.

BERTAZOLLI, B. F.; ALVES, D. A.; AMARAL, S. C. F. Uma Abordagem Pedagógica para a Capoeira. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 207-229, maio/ago., 2008.

BRACHT, V. Educação Física & Ciência: cenas de um casamento (in)feliz. **Revista Brasileira de Ciências dos Esportes**, Porto Alegre, v.22, n.1, p.53-63, set., 2000.

BRASIL, **HumanizaSUS**: Documento base para gestores e trabalhadores do SUS. 4.ed., Brasília : Ministério da Saúde, 2008.

CARMO JÚNIOR, W. Educação Física e a Cultura da Prática. **Motriz**, Rio Claro, v.17, n.2, p.361-371, abr./jun., 2011.

CARVALHO, Y. Atividade física e saúde: onde está e quem é o sujeito das relações?. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 22, n. 2, jan. 2001.

CASTRO, J. A.; GÍGLIO, S. S.; MONTAGNER, P. C. O jogo no ensino do handebol: proposta de um plano de ensino pensado para a prática diária. **Motriz**, Rio Claro, v.14, n.1, p.67-73, jan./mar., 2008.

CATTEAU, R.; GAROFF, G. **O ensino da natação**. São Paulo: Manole,1990.

COLLET, C.; DONEGÁ, A. L.; NASCIMENTO, J. V. A organização pedagógica do treinamento

do voleibol. Um estudo de casos em equipes mirins masculinas catarinenses. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 2, p. 209-218, abr./jun., 2009.

CORRÊA, U. C.; SILVA, A. S.; PAROLI, R.; Efeitos de diferentes métodos de ensino na aprendizagem do futebol de salão. **Motriz**, Rio Claro, v. 10, n. 2, p. 79-88, maio/ago., 2004.

CORREIA, M. S.; MIRANDA, M. L. J.; VELARDI, M. A prática da educação física para idosos ancorada na pedagogia freireana: reflexões sobre uma experiência dialógica problematizadora. **Movimento**, Porto Alegre, v.17, n.4, p.281-297, out./dez., 2011.

COSTA, P. H.; Pedagogia da Natação: Uma Revisão Sistemática Preliminar. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v.9, n.1, p. 50-54, jan./jun., 2010.

COSTA, J. C. *et. al.* Inteligência e conhecimento específico em jovens futebolistas de diferentes níveis competitivos. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v.2, n.4, p.7-20, 2002.

DAOLIO, J. Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos-modelo pendular a partir das idéias de Claude Bayer. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 10, n.4, p.99-104, out., 2002.

DAOLIO, J.; VELOZO, E. L. A técnica esportiva como construção cultural: implicações para a pedagogia do esporte. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.11, n.1, p. 9-16, jan./jul., 2008.

DARIDO, S. C. A avaliação da educação física na escola. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 127-140.

DARIDO, S. C.; FARINHA, F. K.; Especialização Precoce na natação e seus efeitos na idade adulta. **Motriz**, Rio Claro, v. 1, n. 1, p. 59-70, jun./nov., 1995.

DEVIDE, F. P. Educação Física E Saúde: em busca de uma reorientação para a sua práxis. **Movimento**, Porto Alegre, v.3, n.5, p. 44-55, jul./dez., 1996.

DEVIDE, F. P. Educação Física, Qualidade de Vida e Saúde: campos de intersecção e reflexões sobre a intervenção. **Movimento**, Porto Alegre, v.8, n.2, p. 77-84, maio/ago., 2002.

FARIA, E. L. O esporte nas aulas de educação física. **Presença Pedagógica**. Belo Horizonte, v.7, n.41, p.19-31, set./out., 2001.

FERNANDES, J. R. P.; COSTA, P. H.; **Pedagogia da Natação: um mergulho para além dos**

quatro estilos. Revista Brasileira de Educação Física e Esportes, São Paulo, v.20, n.1 ,p. 5-14, jan./mar., 2006.

FERREIRA, M. S. “Navegar é preciso, viver não é preciso”: risco no discurso da vida ativa. **Motriz**, Rio Claro, v.15, n.2, p.349-357, abr./jun., 2009.

FERREIRA, M. S.; CASTIEL, L. D.; CARDOSO, M. H. C. A. Atividade Física na Perspectiva da Nova Promoção da Saúde: contradições de um programa institucional. **Ciência &Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.16, supl.1, p.865-872, jun., 2011.

FLORINDO, A. A.; HALLAL, P. C. (Orgs.). **Epidemiologia da Atividade Física**. São Paulo: Atheneu, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 27 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Eds.). **O ensino dos jogos desportivos**. 2ed. Porto: Universidade do Porto, 1995.

GEREZ, A. G. *et al.* A prática pedagógica e a organização didática dos conteúdos de educação física para idosos no projeto sênior para a via ativa da USJT: Uma experiência para a autonomia. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.28, n. 2, p. 221-236, jan./mar., 2007.

GOMES, M. S. P. *et al.* Ensino das Lutas: dos princípios condicionais aos grupos situacionais. **Movimento**, Porto Alegre, v.16, n.2, p.207-227, abr./jun., 2010.

HILDEBRANDT, R.; LAGING, R. **Concepções abertas ao ensino da educação física**. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1986.

HIRAI, R. T.; CARDOSO, C. L. Possibilidades para o Ensino Orientado na Problemática: Para a Realização da Concepção de “Aulas Abertas às Experiências”. **Movimento**, Porto Alegre, v.15, n.1, p.99-116, jan./mar., 2009.

KOZUB, F.M.; KOZUB, M.L. **Teaching combative sports through tactics**: the tactical game approach can enhance the teaching of some martial arts by emphasizing their similarities to one another and to wrestling. **Journal of Physical Education, Recreation & Dance**, Reston, v.75, n.1, p.1-7, 2004.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

LAZZAROTTI FILHO, A. *et al.* O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 1 p. 11-29, jan./mar. 2010.

LEONARDO, L.; SCAGLIA, A. J.; REVERDITO, R. S. O ensino dos esportes coletivos: metodologia pautada na família dos jogos. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 2, p. 236-246, br./jun., 2009.

MALTA, D. C. *et al.* A Política Nacional de Promoção da Saúde e a agenda da atividade física no contexto do SUS. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v.18, n.1, p.79-86, jan./mar., 2009.

MARCASSA, L. Metodologia do ensino da ginástica: Novos olhares, novas perspectivas. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 7, n. 2, p. 171-176, jul./dez., 2004.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MENEZES, R. P. Contribuições da concepção dos fenômenos complexos para o ensino dos esportes coletivos. **Motriz**, Rio Claro, v. 18, n. 1, p. 34-41, jan./mar., 2012.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994..

MINAYO, M. C. S. **A saúde em estado de choque**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1992.

MINAYO, M. C. S. (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINAYO, M. C. S. Introdução. In: MINAYO, M. C. S. (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 1-15.

MOISÉS, M. P.; Ensino da natação: Expectativas dos pais de alunos, **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v.5, n.2, p.65-74, maio/ago., 2006.

MORETTI, A. C. *et al.* Práticas Corporais/Atividade Física e Políticas Públicas de Promoção da Saúde. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.18, n.2, p.346-354, abr./jun., 2009.

NASCIMENTO, J. V. *et al.* Formação acadêmica e intervenção pedagógica nos esportes. **Motriz**,

Rio Claro, v. 15, n. 2, p. 358-366, abr./jun., 2009.

NEGRINE, A. S. **Aprendizagem e desenvolvimento infantil**: simbolismo e jogo, Porto Alegre: Prodil, 1994.

OLIVEIRA, S. A. **Reinventando o esporte**: possibilidades da prática pedagógica. Campinas: Autores Associados, 2001.

PALMA, A.; ESTEVÃO, A.; BAGRICHEVSKY, M. Considerações teóricas acerca das questões relacionadas à promoção da saúde. In: BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO, A. (Orgs.). **A saúde em debate na educação física**. Blumenau: Edibes, 2003, p.15-32.

RAMOS, A. M.; NEVES, R. L. R. A Iniciação Esportiva e a Especialização Precoce à Luz da Teoria da Complexidade – Notas Introdutórias. **Pensar a Prática**, Goiás, v. 11, n. 1, p.1-8, jan./jul., 2008.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R. Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 3, p. 600-610, jul./set., 2009.

RODRIGUES, H. A.; DARIDO, S. C. A Técnica Esportiva em Aulas de Educação Física: um olhar sobre as tendências sócio-culturais. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 137-154, maio/ago., 2008.

RUFINO, L. G.; DARIDO, S. C. Pedagogia do esporte e das lutas: em busca de aproximações. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 283-300, abr./jun., 2012.

SCAGLIA, A. J. **O Futebol e os Jogos/brincadeiras de Bola com os Pés**: todos semelhantes, todos diferentes. 2003. 164 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física, Campinas, 2003.

SELAU, B. O comportamento lúdico infantil nas aulas de natação. **Movimento**, Porto Alegre, v. 6, n. 13, p. 52-60, jul./dez., 2000.

SOUZA, M. S.; BACCIN, E. V. C. A técnica no ensino dos esportes: relações entre o campo de conhecimento das ciências sociais e naturais. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 127-143, jul./set., 2009.

TAHARA, A. K.; SANTIAGO, D. R. P.; TAHARA, A. K.; As atividades aquáticas associadas ao processo de bem-estar e qualidade de vida. **Lécturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v.11, n.103, p.1-1, dic., 2006.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Caderno de formação:** formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

VIANNA, J. A.; LOVISOLLO, H. Desvalorização da aprendizagem técnica na educação física: evidências críticas, **Motriz**, Rio Claro, v. 5, n. 4, p. 883-889, out./dez., 2009.

ANEXOS

Anexo 1 – Carta do Comitê de ética.



Universidade Federal de São Paulo
Escola Paulista de Medicina

Comitê de Ética em Pesquisa
Hospital São Paulo

São Paulo, 17 de agosto de 2012

CEP Nº: 0163/12HE

Ilmo(a) Sr(a)

Pesquisador(a): PROF. DR. ROGÉRIO CRUZ DE OLIVEIRA

Departamento: Ciências do Movimento Humano

Pesquisadores associados: ; Alessandro Demel Lotti

**Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa da
Universidade Federal de São Paulo/Hospital São Paulo**

TÍTULO DO ESTUDO: PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DA NATAÇÃO: UM DIÁLOGO COM A SAÚDE

Fundamentação e racional: Um grande número de pessoas não tem incorporado a prática de atividade física no seu dia-a-dia, mesmo que especialistas indiquem tal necessidade como estratégias para a prevenção e promoção da saúde. Na atualidade, o modelo do esporte profissional tem predominado em todos os cenários de prática. Haja vista sua marca inscrita na arquitetura urbana de praças e parques públicos, mediante a existência de quadras poliesportivas que reproduzem as demarcações oficiais das modalidades em questão. Num estudo realizado por Costa (2010), na qual houve análise de 218 artigos relacionados a natação publicados entre 1996 e 2010, verificou-se que, destes, apenas 32 (14%) eram dedicados ao Ensino da Natação. Ou seja, muito tem se estudado sobre o que deve ser trabalhado para melhorar o rendimento ou a saúde, mas poucos têm se empenhado para tentar verificar qual a melhor forma de se ensinar o esporte, no caso deste estudo, a natação.

Metodologia: Para fins deste estudo será desenvolvida uma pesquisa qualitativa. A coleta de dados contará com revisão de literatura no que se refere à área de conhecimento da Educação Física, abrangendo consulta de artigos, livros, dissertações e teses. Para a busca de artigos, utilizaremos os periódicos da Educação Física listados no sistema Qualis da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES). A busca se concentrará em periódicos nacionais que tenham como política editorial o livre acesso aos artigos. As palavras-chave a serem usadas na busca são as seguintes: "pedagogia and educação física", "pedagogia and esporte", "pedagogia and natação", "ensino and natação", "método and ensino and natação", "método de ensino and natação", "promoção da saúde", "atividade física and promoção da saúde", "práticas corporais and promoção da saúde" e "natação and promoção da saúde". A busca cobrirá as publicações dos últimos 20 anos, haja vista que é a partir da década de 1990 que as discussões pedagógicas na Educação Física em torno das práticas corporais se consolidam.

Objetivo do estudo: Pretende-se sistematizar uma proposta de ensino da natação calcado nos princípios da pedagogia do esporte. Para tal, enunciaremos também os seguintes objetivos específicos: - Compreender as possibilidades didático-pedagógicas do ensino da natação; - Analisar a possível relação entre a sistematização do ensino da natação com os ideários da promoção da saúde.

Risco e Benefícios: Sem risco, sem contato com sujeitos de pesquisa

Comentários: Pesquisa envolvendo revisão de literatura. Não há impedimento ético para condução do estudo.
PROJETO APROVADO

#Tipo!

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo/Hospital São Paulo ANALISOU e APROVOU o projeto de pesquisa referenciado.

1. Comunicar toda e qualquer alteração do projeto.
2. Comunicar imediatamente ao Comitê qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento do estudo.
3. Os dados individuais de todas as etapas da pesquisa devem ser mantidos em local seguro por 5 anos para possível auditoria dos órgãos competentes.

Atenciosamente,

Prof. Dr. José Osmar Medina Pestana
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da
Universidade Federal de São Paulo/Hospital São Paulo